

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Mário Moraes

**Espaços, práticas e valores de sociabilidade:
hierarquias e resistências em Uberlândia-MG
(1920-1940)**

Uberlândia
2010

Mário Moraes

**Espaços, práticas e valores de sociabilidade:
hierarquias e resistências em Uberlândia-MG
(1920-1940)**

Monografia apresentada aos Cursos de Graduação em História, do Instituto de História, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Graduado em História, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

Uberlândia
2010

Moraes, Mário

Título: Espaços, práticas e valores de sociabilidade: hierarquia e resistências em Uberlândia-MG (1920-1940)

Mário Moraes. – 2010.

Orientadora Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Cursos de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Mário Moraes

**Espaços, práticas e valores de sociabilidade:
hierarquias e resistências em Uberlândia-MG
(1920-1940)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos (Orientadora)

Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa

Prof. Ms. Carlos Meneses de Sousa Santos

Agradecimentos

Aos meus pais e minha irmã que tanto me ajudaram durante a graduação.

À professora Heloisa Helena Pacheco, que atenciosamente me orientou no projeto de monografia. A todos os professores do Instituto de História, em especial aos Professores. Paulo Roberto de Almeida e Marta Emisia Jacinto Barbosa, que tanto contribuíram para minhas reflexões de como trabalhar com as fontes orais. Ao Prof. Carlos Meneses de Sousa Santos, que, durante a Semana de História da Universidade Federal de Uberlândia, de 2008, muito contribuiu para minha forma de pensar as relações sociais em Uberlândia.

A Velso Carlos de Sousa, do Centro Documentação e Pesquisa em História – CDHIS-UFU, que muito me ajudou em minha pesquisa com a disponibilização de fontes, se mostrando sempre muito atencioso. Aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, pela atenção com minha busca de materiais. Aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal, em especial a Rogério Motta, agradeço pela atenção e gentileza em disponibilizar seu acervo.

Ao João Batista, secretário do Curso de Graduação em História da UFU, pelo apoio na organização da nossa vida acadêmica na graduação.

Aos meus amigos, em especial Letícia Siabra, que, em vários momentos de dúvidas, esteve ao meu lado.

E, principalmente, à minha orientadora Regina Ilka Viera Vasconcelos, que, com apoio, compreensão e atenção, tornou possível meu amadurecimento para a conclusão da monografia.

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo perceber como os projetos para o desenvolvimento da cidade de Uberlândia estavam sendo disputado pelos diversos grupos e como o projeto das classes hegemônicas prevaleceu sobre os demais. Estes grupos buscaram construir a imagem do progresso para todos, onde latifundiários, comerciantes, políticos, juízes de direito e delegados teriam a função de guiar o povo para o progresso, onde a cidade passaria a ter características européias.

Para manter a prevalência deste projeto, foi necessário construir valores, costumes, sentimentos, modos de se comportar e trajar, próprios desta elite, que justificariam sua posição dentro de uma hierarquia social, superior as demais, os legitimando como detentores do caminho para o progresso. Uma construção hierárquica que se construía em todo o cotidiano das pessoas, nos bares, clubes, casas noturnas, ruas e cinemas, com uma disciplina social que tinha como função engendrar o poder das classes dominantes.

No entanto, naquele projeto de progresso, nem todas as pessoas estavam sendo contempladas com o desenvolvimento da cidade. Grupos de pobres e negros iriam, num processo de resistência, se colocar em oposição a estes grupos hegemônicos, buscando a criação de valores e locais de sociabilidade próprios, de modo a se identificarem como explorados pelo modo de produção em vigor. Desta forma, procuro também perceber como esses grupos se mobilizavam para garantir uma vida digna, tendo a participação no projeto de desenvolvimento da cidade, lutando pelo o direito a saúde, educação, moradias dignas, melhores salários, em oposição ao projeto imposto pelas elites que estava colocando estes grupos em plena miséria.

Sumário

Introdução	08
Capítulo 1 – Condições de vida e progresso: espaços e sociabilidade	16
1.1. Condições de vida e disputas em torno do progresso	17
1.2. A “Família Uberlandense”, espaços de lazer e condições sociais	25
Capítulo 2 – A construção da hierarquia social nos espaços da cidade	44
2.1. A desigualdade vai ganhando lugar	45
2.2. Quando a desigualdade se torna segregação social	56
Capítulo 3 – Em busca do direito ao espaço	67
3.1. Indícios do processo de resistência	68
3.2. Construções do espaço popular na cidade	76
Considerações Finais	95
Fontes	97
Bibliografia	99

Lista de Fotografias

Foto 1 –	Reivindicação de moradores para construção de pontilhões. 1948	20
Foto 2 –	Sr. Máximos da Silva e seus filhos. Chefe da Mogiana de São Pedro do Uberabinha desde sua inauguração. 1916 ...	22
Foto 3 –	Comercial Teixeira Costa e Cia. 1920	31
Foto 4 –	Praia Clube. Década 1940	33
Foto 5 –	Bar da Mineira, garçons e cozinheiros. Década 1950	50
Foto 6 –	Cine Teatro Uberlândia	63
Foto 7 –	Greve dos Motoristas. 1948	83

Lista de Mapas

Mapa 1 –	Localização de Vilas na Cidade de Uberlândia	40
----------	--	----

Lista de Tabelas

Tabela 1 –	Estatística comparando a quantidade de prédios em Uberlândia e Juiz de Fora	45
------------	---	----

Lista de Correspondências

Correspondência 1 –	Carta do Secretário da Associação dos Chouffeus, Mechanicos e Classes Conexas de Uberlândia convidando o Presidente do Círculo Operário de Uberlândia e demais associados para assistirem ao ato de posse da nova diretoria, 01 abr. 1943	76
Correspondência 2 –	Carta com os motivos de faltas ao serviço, entre moradia distante, salários baixos e outros, s/d	89

Lista de Propagandas

Propaganda 1 –	Clinicas de Moléstias Nervosas e Mentais. Jornal <i>Correio de Uberlândia</i> , 1 jun.1948	81
----------------	--	----

Introdução

O meu projeto de monografia voltava-se inicialmente para as histórias e memórias do Praia Clube, na cidade de Uberlândia. Minha decisão por este tema tem muito a ver com meu trabalho no Praia Clube já há três anos como garçom. O Clube é uma empresa criada em 1935 e que passou por várias transformações nestes setenta e três anos de existência. Passei a observar as várias visões do que representa o clube para a cidade de Uberlândia. Comecei conversando com diversas pessoas, sócios, colaboradores, atletas e outros, buscando compreender os significados daqueles espaços na vida das pessoas.

Nestas conversas, percebi que o contexto pelo qual a cidade de Uberlândia passava influenciava as maneiras como as pessoas falam do Clube. Além do contexto social, os seus discursos também eram influenciados pela posição social que ocupavam.

Nesta perspectiva, percebi que deveria ir além dos muros do clube, para compreender as relações sociais em Uberlândia, tomando como ponto de partida o que, de início, pensava em compreender somente no âmbito do clube: práticas e espaços de lazer na cidade. Para isto, optei pela utilização de diversas fontes, entrevistas, imprensa, fotografias, leis municipais, revistas, mapas e cartas.

Ao ter contato com estes materiais, tinha como intenção perceber as relações sociais na cidade, mas foi durante o contato que fui percebendo questões que estavam em disputa no cotidiano das pessoas em relação a práticas diversas de sociabilidade, e, ao mesmo tempo, como diferentes grupos colocavam seus interesses para o restante.

Foi durante as leituras das entrevistas que estão no *Projeto Depoimento*, promovido pela SMC (Secretaria Municipal de Cultura), Divisão de Patrimônio Histórico, com o objetivo de “resgatar” parte da memória da cidade de Uberlândia e disponibilizar a produção para o estudo, que percebi que a sociedade, no início do século XX, passava por uma intensa disputa em torno de projetos de desenvolvimento

para a cidade, onde grupos que detinham uma hegemonia política, econômica e cultura, impunham certo desenvolvimento para a cidade que não contemplava toda a população.

Para manter seu poder na condução da cidade, os grupos hegemônicos, formados por políticos, latifundiários, comerciantes, juízes de direito, delegados e outros, passavam atribuir sentidos ao projeto de progresso que estava sendo formulado.

Para isto, a imprensa ligada a esses grupos hegemônicos teve um papel fundamental para construção de uma imagem da cidade que se apresentava como relacionada a um progresso que beneficiaria a todos.

Dentre os jornais que construía para esta interpretação da sociedade, utilizei dois: o jornal *O Repórter*, fundado em 1925 por Artur Barros e J. Faria e que teve como diretor seu proprietário João de Oliveira; e o jornal *Correio de Uberlândia*, fundado em 1938, pelo produtor rural Osório José Junqueira, e que tinha como diretor seu filho Luiz Nelson Junqueira, (Osório Junqueira já era dono de sete jornais, onde o principal estava no interior de São Paulo). Na década de 1940, o jornal *Correio de Uberlândia* passa para um grupo ligado à UDN (União Democrática Nacional) que tinha como seus principais representantes os seguintes membros: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia¹. Estes jornais, que estavam sob o poder dos grupos dominantes, traziam temas populares, mas ressignificados para garantir a condução dos projetos de desenvolvimento segundo seus interesses.

Os jornais pesquisados foram o *Correio de Uberlândia*, *O Repórter*, *A Voz do Povo* e *Participação*, que se encontram no Arquivo Público Municipal. Foram importantes para minha pesquisa como mais um espaço que pensei como possível para buscar temas populares, mas com novos significados conforme os grupos sociais que representam e o projeto de progresso que defendem.

Esta forma de pensar a imprensa compreendi com a leitura dos trabalhos de Heloisa de Faria Cruz, que foi muito importante, principalmente para poder relacionar a imprensa com outras fontes.

Outro jornal que me ajudou a pensar sobre o espaço da cidade de Uberlândia foi o jornal *Participação*, que era um boletim informativo da **Assembléia** de Comunicação

¹ Jornal *Correio de Uberlândia*. Disponível em: <http://www.jornalcorreio.com.br>. Acesso em: 12 em junho de 2010.

Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia, e tinha uma tiragem de 15 mil exemplares. Trazia, em seus cadernos, os bairros de Uberlândia e tinha como objetivo mostrar os feitos da administração do prefeito Zaire Rezende. Mas, em minha pesquisa, utilizo para pensar onde se localizavam as vilas e tentar apreender algumas evidências das condições que estes moradores tinham. Com a ajuda da estudante Laís Naiara Gonzalves do Reis, que participa do Laboratório de Cartografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, construímos um mapa trazendo os prováveis locais onde as vilas se localizavam.

As revistas pesquisadas também tinham como objetivos construir símbolos, através dos valores, costumes, modo de se trajar, legitimando a maneira que o progresso era imposto. A *Revista Ilustrada*, que está no Arquivo Público Municipal, também possibilitou perceber como a imprensa incorporava temas populares em favor do projeto de progresso das classes hegemônicas.

Esta construção de símbolos foi importante para introduzir uma hierarquia social, onde os grupos hegemônicos teriam como função conduzir a cidade ao desenvolvimento, enquanto a população pobre e os negros deveriam servir aos grupos hegemônicos.

Entre os principais símbolos que estavam sendo criados, constituía-se o da “Família Uberlandense”, que, através de sua conduta, seria superior aos demais agentes sociais.

Essa questão das condutas das famílias está presente nas fotografias produzidas sobre a cidade, que traziam o modo de trajar das pessoas, mostrando que o modo das pessoas se vestirem trazia valores morais presente no cotidiano, já que o modo de trajar participava de um conjunto de padrões sociais construído pelas classes hegemônicas, evidenciando em que posição da hierarquia social as pessoas pertenciam. Busquei trabalhar com as fotografias na perspectiva de diversos autores que pensam este material como fonte e não como mera ilustração. Tive como objetivo pensar a fotografia como fonte que deve dialogar com outras, pensada não como um ato neutro, mas repleto de valor simbólico e também político em relação a atitudes, sentimentos.

A maior parte das fotografias utilizadas nesta monografia foi retirada do *Acervo João Quituba*, organizado por uma equipe formada pelas professoras Heloisa Helena

Pacheco Cardoso, Jane de Fátima Silva Rodrigues e Maria Clara Tomaz Machado no Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia². As fotografias consultadas compõem a *Série Fotografias* deste acervo, composto por documentos doados pelo próprio João Martins de Oliveira, conhecido por “João Quituba”, que foi o fundador do Museu de São Pedro do Uberabinha.

Este acervo foi muito importante durante minha pesquisa. Foi através dessas fotografias que passei a perceber como o cotidiano das pessoas estava repleto de valores simbólicos, demarcando as disputas sociais entre os vários grupos. Além disso, foi umas das fontes que me possibilitaram pensar as condições dos trabalhadores na sociedade da época, quais eram suas condições de trabalho, de que modo as famílias pobres se vestiam e moravam, já que o modo de se trajar era um padrão social construído pelas classes hegemônicas e evidenciava em que posição da hierarquia social as pessoas se situavam. Principalmente, para que eu pudesse ver os trabalhadores não como excluídos, mas dentro de uma hierarquia social, que atribuía os serviços ditos inferiores às pessoas pobres e negras.

Além disso, ao relacionar esta fonte com outras, como a Leis de Posturas do Município, passei a perceber como os locais de lazer estavam ganhando significado para disciplinar os grupos sociais, dentro do projeto de progresso que as elites estavam construindo.

Dentre estes locais, estavam os bares, clubes, cinemas, ruas e as casas noturnas, que evidenciavam a disputa social entre os vários grupos, mostrando que o poder não será disputado apenas na política, mas sendo engendrado em diversos momentos do cotidiano.

Nesta perspectiva, a sociedade de Uberlândia se constituía como um campo de disputa, onde grupos que se identificavam contra este projeto de progresso passavam a se unir em oposição ao desenvolvimento que certos grupos hegemônicos criavam para a cidade, que trazia miséria aos grupos pobres.

² “Um destino social bem nítido, que torna acessível à comunidade de historiadores e estudiosos uma importante fonte de conhecimento do passado” COLEÇÃO JOÃO QUITUBA. Série Fotografias. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU, p. 5.

Esta conjuntura social fará surgir diversos grupos de resistência contra a ordem vigente, entre eles estarão o Partido Comunista, a União Feminina, o Circulo Operário Cristão, o movimento dos Motoristas, e o movimento dos Ferroviários, que, em vários momentos, irão se articular, apesar das diferenças entre si, contra a ordem que impunha uma certa hierarquia social, onde os trabalhadores estavam sendo colocados à margem dos benefícios do aclamado progresso.

Nesta etapa da pesquisa, tive algumas dificuldades com relação às fontes, pois percebi que algumas memórias foram privilegiadas para sua conservação. Penso desta forma por causa dos jornais, pois os que estavam em sintonia com o projeto de progresso que estava sendo imposto foram muito bem conservados, enquanto outros, que representavam uma oposição, quase não existem mais, como o jornal *Voz do Povo*, que tinha uma nítida postura ligada aos ideais comunistas e que hoje em dia consta apenas com um exemplar conservado. Este jornal também buscava falar a voz povo conforme os ideais dos grupos que representava.

Com esta dificuldade de consultar posições contrárias ao projeto vigente, foi importante entrecruzar as fontes - cartas, entrevistas, fotografias, reportagens-, para poder perceber a postura dos diversos grupos dentro do campo de disputa, pois “é importante recuperar como a classe trabalhadora pensou a si própria e o seu momento, como a contradição foi vivida”, como assinalam Yara Khonry, Maria do Pilar Vieira e Maria do Rosário Peixoto³.

Neste modo de perceber a sociedade, não tenho como intenção resgatar o passado, mas pretendo, através dessas diversas fontes historiográficas, construir uma “interpretação do real”⁴, percebendo as disputas que estavam presentes no cotidiano das pessoas, buscando compreender como um determinado projeto de desenvolvimento da cidade prevaleceu sobre outros e como diversos grupos resistiram a este projeto através de movimentos de trabalhadores, principalmente dentro do cotidiano, uma vez que, no mais simples lazer, o poder buscava ser engendrado. Desta forma, a disputa de poder pode ser percebida não apenas ligada às esferas políticas e econômicas, mas sendo

³ KHOURY, Yara Aun; VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *A pesquisa em história*. São Paulo: Atica, 1989. p. 28.

⁴ “Qualquer que seja a escolha do historiador por uma determinada linguagem, ela deve ser pensada e apresentada não como o real, mas como uma representação do real”. Id. Ibid. p.52.

presente nos costumes, valores, sentimentos, nos modos de ser e de trajar, em todo o cotidiano.

As entrevistas utilizadas constituíram-se de três maneiras: as produzidas por mim, as entrevistas presentes na revista *Praia Clube* e no *Projeto Depoimentos*, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia.

Tive acesso a vários exemplares da revista *Praia Clube*, que tinham como objetivo “resgatar” a memória do clube e da cidade de Uberlândia. Por ocasião do aniversário de 72 anos do Clube, a diretoria organizou o *Projeto Memorável*, compondo uma “linha do tempo”, com uma exposição de fotografias e textos que contava a história do clube, além de várias entrevistas com diversos “praianos” considerados representativos tanto para o Clube como para a cidade de Uberlândia. Seguindo meu objetivo inicial de estudar as relações sociais no Clube, passei a me interessar pelas entrevistas, que ajudavam a produzir as memórias das classes. hegemônicas da cidade, seus costumes, mentalidades, sentimentos.

Com o desenrolar da pesquisa, através destas entrevistas, passei a perceber que a sociedade de Uberlândia estava marcada por diversos grupos que disputavam o desenvolvimento da cidade. Além disso, percebi que o poder não estava sendo engendrado apenas na política, mas em todo o cotidiano das pessoas, através dos locais de lazer que estavam disseminando a hierarquia no início do século XX.

A partir dos textos de Alessandro Portelli, fui percebendo que as entrevistas eram fruto tanto do entrevistado como do entrevistador, que buscavam construir uma memória do clube onde os freqüentadores teriam certas características pertencentes aos grupos hegemônicos, como sendo pessoas honestas, boas, que seriam valores próprios dos sócios daquele clube.

Contudo, percebi que deveria ir além dos muros do clube, para perceber como a sociedade de Uberlândia estava disputando o desenvolvimento da cidade. Com a leitura de vários trabalhos, como monografias, dissertações e teses, tomei conhecimento do *Projeto Depoimentos*, no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, onde há entrevistas transcritas com o intuito de disponibilizar ao pesquisador acesso às memórias de diversos grupos sociais. Nas leituras das entrevistas, percebi que cada pessoa, ao relembrar o passado, conforme seu presente, criava marcos que revelam a sociedade que

seu grupo social gostaria de ter construído, pois as pessoas que pertenciam aos grupos hegemônicos lembravam o passado conforme suas expectativas em relação ao progresso que teriam trazido para a cidade, que estariam beneficiando a todos, como vimos na entrevista do ex-prefeito de Uberlândia, Vasconcelos Costa.

Já entrevistados de outros grupos sociais buscavam mostrar como o projeto de progresso que prevaleceu trazia sofrimento para os moradores pobres e negros. Durante a pesquisa, tive a oportunidade de fazer uma entrevista com o Sr. João Azevedo Batista. Decidi fazer a entrevista com ele devido a sua representatividade, pois sempre morou em Uberlândia, trabalhou na construção civil, como servente no início e chegando a mestre de obra. Tem um grande amor pelo congado, onde é capitão. Foi conversando com ele que entendi a questão trabalhada por Portelli sobre a “possibilidade”. Este entrevistado me contou do medo da cavalaria, a polícia montada, que espancava os pobres e negros e me fez entender que o fato não precisava acontecer com todos, uma vez que a possibilidade dos pobres e negros serem espancados e mortos estava presente entre todos eles tanto no imaginário quanto em sua realidade; e, enquanto possibilidade, já se constituía como fator de controle das atitudes dos grupos de pobres e de negros na cidade.

As cartas e os documentos diversos, consultados para a pesquisa, estão na *Coleção Circulo Operário*, do Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS, da Universidade Federal de Uberlândia. Participei, como estagiário, da catalogação desses documentos, que acabaram sendo muito importantes para minha monografia, pois foi através deles que pude perceber como os diversos grupos de trabalhadores estavam se articulando para criarem valores, sentimentos que se opunham aos projetos das classes hegemônicas.

Para organização da reflexão desenvolvida na pesquisa, dividi a monografia em três capítulos.

O primeiro capítulo tem como título *Condições de vida e progresso: espaços e sociabilidade*, e conta com dois itens. No primeiro, *Condições de vida e disputas em torno do progresso*, as classes hegemônicas estavam atribuindo sentido ao conceito de progresso. Além disso, tenho como pretensão mostrar que esta não atendia a toda a população. No segundo item, *A “Família Uberlandense”, espaços de lazer e condições sociais*, pretendo compreender como com a criação de símbolos estava servindo para a

imposição e a manutenção da ordem vigente, a partir de 1930, através do estudo de materiais como fotografias, entrevistas, mapas, jornais, revistas.

O segundo capítulo, *A construção da hierarquia social nos espaços da cidade*, também se compõe com dois itens: *A desigualdade vai ganhando lugar* e *Quando a desigualdade se torna segregação social*. O objetivo é buscar como se formará um campo social de disputa, onde o poder estava sendo engendrado através do cotidiano, para manter certa hierarquia social, através dos clubes, bares, ruas, cinemas e casas noturnas. Além disso, procuro trazer uma interpretação sobre o modo de vida das pessoas negras e os pobres em Uberlândia.

No terceiro capítulo, *Em busca do direito ao espaço*, em seus dois itens, *Indícios do processo de resistência* e *Construções do espaço popular na cidade*, procuro pensar como os vários agentes se mobilizaram para enfrentar o projeto de progresso que as classes hegemônicas tentavam impor para a cidade. Entre os grupos que se mobilizavam, estavam o Partido Comunista, a União Feminina, o Círculo Operário Cristão, o movimento dos Motoristas, e o dos Ferroviários, que, em vários momentos, se articularam contra a ordem que impunha uma certa hierarquia social, mesmo a despeito das diferenças que guardavam entre si.

Capítulo 1

Condições de vida e progresso: espaços e sociabilidade

1.1. Condições de vida e disputas em torno do progresso

No início do século XX, o pequeno vilarejo chamado de Uberabinha, passa a haver algumas mudanças utilizadas por seus grupos hegemônicos⁵, com projetos que visavam o ideal de “progresso”. Estes grupos, com o poder vinculado à posse da terra, passam conduzir projetos como a chegada de energia elétrica, construções de pontes, e, principalmente, aqueles vinculados ao transporte ferroviário, com a imagem da locomotiva enquanto o que ligaria o município ao restante do país. O autor José Carlos Barreiro contribui para que possamos pensar como a imagem da locomotiva está ligada às idéias de desenvolvimento e modernidade.

O Brasil entra mais decisivamente na era das estradas de ferro. A ideologia do progresso e a apologia do “moderno” passam a integrar mais vigorosamente o imaginário nacional [...]⁶.

Esta implantação dos ideais de progresso e modernidade estava restrita a uma pequena elite local, que, apesar de constituir uma classe hegemônica, no seu interior, compunha-se de vários grupos, como, latifundiários, comerciantes, políticos, delegados, juiz de direito e outros, que, por vezes, divergiam no desenvolvimento dos projetos para com a cidade. Isto pode ser verificado na fala do Sr. Joaquim Carneiro, em entrevista realizada para o *Projeto Depoimento*.⁷

[...] R.MP- Mas, então, todo, todo esse tiroteio que houve, foi por conta de tensões mesmo, não houve alguma coisa(Sr. Joaquim a interrompe).

⁵ Penso hegemonia, na perspectiva de Raymond Williams, que seria uma combinação de forças políticas, sociais e culturais. Para Williams, a hegemonia vai além da cultura e da ideologia, pois se constitui no processo social vivido, onde significados, valores e domínios são organizados. WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In: *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 111.

⁶ BARREIRO, José Carlos. E.P. Thompson e a historiografia brasileira: revisões críticas e projeções. *Projeto História*. São Paulo, v 12, out.1995, p. 73.

⁷Projeto Depoimento: “promovido pela SMC (Secretaria Municipal de Cultura), Divisão de Patrimônio Histórico, com o objetivo de produzir referências orais para os trabalhos de pesquisa histórica sobre Uberlândia e região”. Excerto contido na entrevista de José Antonio de Vasconcelos Costa, p. 1. Ver: CARNEIRO, Joaquim. *Projeto Depoimento*. Arquivo Público Municipal, Uberlândia. Entrevista. 15 jan. 1992.

J.C.- Por causa da política do Hermes e do Rui Barbosa. Eram antagonistas naquela época, não é, e o papai tomou o partido do Hermes, e o Severino Rodrigues da Cunha tomou o partido do Rui Barbosa [...]⁸.

Neste trecho, fica evidente que os projetos para a cidade eram alvos de uma intensa disputa, entre grupos que mantinham seu poder através da terra e do comércio. E por vezes as disputas para impor seus projetos de progresso para os demais agentes sociais acabavam com o exercício da força:

[...] Ah, se houvesse alguma coisa de grave, entre uma coisa e outra, os jagunço interviam.... Foi um tiroteio muito grande na cidade. A casa aonde esta hoje a.... aquele asilo de velho na , no fundo da Praça ficou cravada de balas [...]⁹

Nesta conjuntura social, onde os coronéis buscavam impor sua vontade através do uso da força, o entrevistado Sr. Joaquim Carneiro, ao organizar o tempo, mostra qual a sociedade que a classe hegemônica de Uberlândia pretendia construir e qual visão de mundo este queria criar¹⁰. Para o entrevistado, seu pai, José Théóphilo Carneiro conseguiu trazer, num lombo do cavalo, os principais símbolos de “progresso” para Uberabinha, como energia elétrica e a construção da ponte Afonso Pena. Esta, tendo seu pai negociado direto com o presidente e trazido o material para a construção da Alemanha.

O Coronel José Théóphilo nasceu no dia 5 de março de 1852 na fazenda da Estiva, que pertence ao município de Uberlândia. Durante sua vida, esteve presente em vários momentos do desenvolvimento da cidade, como em 1892, quando foi eleito vereador geral da primeira Câmara Municipal. Além disso, foi um dos responsáveis pela elevação da vila de São Pedro para município. Em 1893, foi nomeado pelo presidente

⁸ Entrevista realizada para o *Projeto Depoimento*, no bairro Cidade Jardim, em Uberlândia, Minas Gerais, em 15 de janeiro de 1992, por Paulo Eduardo de Oliveira Torres e Rosa Maria Pelegrini, com Joaquim Carneiro, filho do Coronel Carneiro. Ver: CARNEIRO, Joaquim. *Projeto Depoimento*. Arquivo Público Municipal, Uberlândia. Entrevista. 15 jan. 1992. p. 27.

⁹ Id. Ibid.

¹⁰ Esta forma de as pessoas construírem suas memórias conforme a influência da suas vivências do presente. De acordo com a entrevista feita por Paulo Roberto de Almeida e Yara Khoury com Alessandro Portelli: Prof. Paulo Roberto de Almeida- ... *as pessoas organizam o tempo de uma maneira deferente, ou seja, antes e o depois, elas reorganizam a história e reorganizam os fatos históricos. Poderíamos dizer que é neste ponto que reside uma disputa pelo tipo de sociedade, pela visão de mundo que se quer construir?*. Prof. Portelli- *Diríamos que sim... Assim sendo, todos são historiadores de alguma maneira, todos têm uma visão de história, uma interpretação; todos dão um sentido ao passado, todos têm uma relação entre o presente em que narram ou relatam e o passado de que falam*. Para maiores informações, ver: ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. *História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 25/26, p. 35-36, jul.-dez. 2001/jan.-jul. 2002.

Floriano Peixoto como tenente-coronel da Guarda Nacional, e, em 1910, foi líder do partido herminista, que disputava os projetos de desenvolvimento da cidade com os demais grupos. Também era comerciante, com um estabelecimento na Praça Matriz, e foi um dos fundadores da Companhia de Luz de Uberlândia¹¹.

Dentre os seus descendentes, está Joaquim Carneiro, que foi sócio do estabelecimento de sua família - a Casa Carneiro -, proprietário da Destilaria Forjardan, comprada de seu sogro, e presidente do Praia Clube¹².

Na entrevista de Joaquim Carneiro, podemos observar que, no modo como o entrevistador organiza o tempo, busca criar uma interpretação, segundo a qual o desenvolvimento da cidade seria fruto de algumas “Famílias Uberlandenses”, que, através de recursos próprios, teriam trazido o progresso, através da infra-estrutura da cidade: construções de pontes, energia elétrica, ferrovias. O entrevistado e o entrevistador constroem as memórias sobre Uberlândia pautadas num processo de antes e depois, marcados pela ação de determinadas famílias de Uberlândia, o “antes” simbolizaria o regresso ao “sertão da farinha pobre”, e o “depois”, com ação dessas famílias, passaria a ser um centro irradiador do progresso, justificando a submissão de certos grupos, principalmente os trabalhadores, que não teriam uma participação política, e teriam que se expressar apenas para agradar as “Famílias Uberlandenses”.

A principal articulação política do Coronel José Theóphilo Carneiro, segundo seu filho, Joaquim Carneiro, foi ter conseguido trazer a ferrovia Mogiana, para a região, que desenvolveria a cidade, aumentando o fluxo de pessoas e do comércio.

Mas a instalação desta não teve a preocupação com o cotidiano das pessoas pobres, pois, em alguns pontos da ferrovia, houve uma elevação do terreno, que impedia as pessoas de passarem de um bairro para outro, fato que demonstrava o descaso da ferrovia para com a população, pois, em 1895, houve a promessa da construção de pontilhões, que, em 1948, ainda não tinham sido instalados, os moradores continuavam protestando contra as arbitrariedades, em relação à maneira que a estrada de ferro foi construída, como se pode perceber em um trecho da revista *Uberlândia Ilustrada*, de 1947:

¹¹ TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970, v. 2, p. 322.

¹² CARNEIRO, Joaquim. *Projeto Depoimento*. Op. cit.

Fez também um esbarrancado monstro ao longo da rua “ Buenos Ayres”, impossibilitando os meios de comunicação de um grande numero de habitantes da parte leste de cidade alta , desvalorizando suas propriedades [...]¹³.

A reportagem produzida pela revista traz uma fotografia com a imagem de moradores em cima de um barranco, protestando pelo direito à circulação no espaço urbano, pode se perceber que se tratava de uma população carente, pois nesta sociedade em formação o modo das pessoas se trajarem estará sendo representativo para manter uma hierarquização social, que nutriria o controle das “camadas populares”.



Foto 1
Reivindicação de moradores para construção de pontilhões.
1947¹⁴.

No entanto, apesar da revista trazer um problema das pessoas pobres, busca elaborar novo sentido para a reivindicação dos trabalhadores, mostrando que a cidade necessitava de um progresso mais acelerado, e que a Mogiana estava fazendo conforme suas condições econômicas. Mas o que era reivindicado pelas pessoas no momento são melhores condições de vida.

[...] não visa deprimir o conceito em que é tida a Mogiana nesta cidade, que de longos anos vem ela contribuindo para o seu constante progredir, como dissemos, para o que ainda ela poderá fazer em benefício de um povo

¹³ UBERLÂNDIA ILUSTRADA. Uberlândia, n. 14, p. 12, nov./dez.1947.

¹⁴ Id. Ibid.

patriótico, unido, operoso e progressista, que ela tem por obrigação reconhecer, e projetar, dentro das suas possibilidades [...]¹⁵.

Neste excerto, podemos perceber qual grupo social que a revista *Uberlândia Ilustrada* representa, de onde suas falas surgiram, pois representam os grupos hegemônicos, que elaboravam o desenvolvimento da cidade, que, através da imprensa, criavam a imagem do progresso para toda a população. Apresentam a necessidade de um desenvolvimento mais acelerado, que precisaria contar com o apoio do povo, que, segundo a revista, deveria ser patriótico, unido, operoso e progressista. Nesta interpretação, o movimento de reivindicação dos moradores pobres de Uberlândia está sendo moldado para justificar a necessidade de um progresso acelerado.

Ao analisarmos a revista como fonte historiográfica, percebemos quais são os grupos representados por esta imprensa, e qual projeto de progresso está sendo forjado, como vemos no livro *A pesquisa em história*:

A partir desses pressupostos tentamos perceber a representação do real que faziam e, em consequência, os projetos que estavam em jogo. Nesse caso não buscávamos estabelecer o estatuto de verdade desses discursos. Buscávamos desvendar o lugar social de onde cada jornal falava¹⁶.

Apesar de os grupos hegemônicos, através da imprensa, desenvolverem a imagem de que o progresso beneficiaria a toda população, podemos perguntar como a Ferrovia Morgiana estava beneficiando a população pobre, como viviam as pessoas que trabalhavam neste símbolo do desenvolvimento, suas habitações, onde estas pessoas moravam, se tinham acesso à saúde, à educação.

Estas questões também estão presentes no trabalho de Carlos José Ferreira dos Santos, que busca compreender quais eram as condições de vidas dos trabalhadores negros e pobres, na cidade de São Paulo, no início do século XX, que era projetada para ser parecida com uma cidade européia: “*alimentação, as condições sanitárias e a alimentação quando não faltavam, deveriam ser extremamente precárias, gerando doenças e mortes, principalmente de crianças.*”¹⁷. Para ajudar a compreender a sociedade estudada, este autor utiliza fontes fotográficas, não como anexos que

¹⁵ Id., p. 13.

¹⁶ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1991, p. 54.

¹⁷ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e Pobreza (1890- 1915)*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 168.

ilustrariam a pesquisa, mas para levantar questões: “*Objetivei, com isso tornar as representações fotográficas não um acessório à pesquisa, mas parte da problematização e da formulação do próprio texto*”¹⁸.

Nesta perspectiva, penso que é possível levantar algumas questões sobre a maneira de viver com a chegada da Mogiana à cidade a partir do recorte feito pelo fotógrafo, nesta fotografia encontrada na *Coleção João Quituba*, Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, para refletirmos sobre as condições de vida dos trabalhadores da ferrovia:



Foto 2
Sr. Máximos da Silva e seus filhos.

Chefe da Mogiana de São Pedro do Uberabinha desde sua inauguração.
1916¹⁹.

¹⁴Id. p.23.

^{15A} Foto 2 pertence ao *Acervo João Quituba*. Ver: COLEÇÃO JOÃO QUITUBA. Série Fotografias. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU. Durante a catalogação dos materiais deste acervo, o próprio João Quituba ajudou a identificar os nomes e as datas de cada fotografia. Quando se olha esta imagem, de 1916, chegamos a questionar sua datação, pois os traços das pessoas pobres são muito semelhantes às famílias atuais, mostrando que o progresso projetado pelas classes hegemônicas se sobressaiu aos demais, trazendo miséria às famílias de trabalhadores. Além disso, quando tive acesso a esta fotografia tive algumas inquietações, como o Senhor Máximos, que já tinha conseguido certa ascensão dentro da hierarquia nas relações de trabalho, ainda continuava em condições precárias de vida, quase na miséria, levando em consideração que o cargo de chefia seria visto como qualificado? Mas, pensando o contexto da época, em que os negros só poderiam ter acesso a trabalhos considerados inferiores, então somos levados a pensar que nem todas as funções que consideramos como qualificadas teriam um rendimento

O que observo a partir desta fotografia, é que, apesar de estarem trabalhando no que representaria a prosperidade da cidade, a Ferrovia Mogiana, seus funcionários estavam vivendo em moradias insalubres, feitas de barro, onde as condições de higiene eram precárias, como se vê, onde as crianças aparecem com roupas velhas e sujas, descalças, e, as crianças mais novas, nuas.

Nesta época, de acordo como outra entrevistada do *Projeto Depoimento*, Olivia Calábria, as crianças morriam de maneira cruel pela contaminação de verminoses. Por meio da fotografia, podemos relacionar com a falta de higiene, roupas e calçados.

Os grupos que buscavam manter um poder econômico, político e cultural colocaram-se como representantes da população do Uberabinha. Um sinal dessa concepção de representatividade esteve presente quando o Coronel José Theophito Carneiro levou um abaixo-assinado para Belo Horizonte com a proposta de mudar o nome da cidade. Para o Coronel, a cidade deveria se chamar “Maravilhoso”. Mas ficaria muito parecido com o nome dado a uma vaca, então o Coronel resolveu aceitar a sugestão de um membro da elite, João de Deus Faria, com a opção do nome de Uberlândia. Sobre como se constituía a noção de representatividade para esses grupos, observamos a entrevista de Joaquim Carneiro:

[...] R.M.P - E as pessoas, os populares, quê que eles achavam dessa mudança de nome?

J.C. - Não, o, uns não gostavam, mas era o meu pai que estava pedindo pra fazer..., assinava, não é, Mas muita gente assinava mais para servi-lo [...] ²⁰

Para o Coronel, o povo a ser consultado para o abaixo-assinado deveria ser as autoridades, juiz de direito, prefeito, delegado, e a população deveria assinar não para ter uma participação política, mas para servir a estes membros da sociedade, que traziam o progresso para a cidade, mesmo que poucos estivessem sendo beneficiados com as mudanças.

Nesta perspectiva, Thompson nos ajuda a refletir sobre o conceito de “progresso”. Para ele, o conceito em si não tem significado, pois devemos entender de que forma os agentes sociais atribuem significado conforme seu presente:

adequado. Isto nos leva a questionar se, no capitalismo, realmente a qualificação garante uma vida mais digna.

¹⁶CARNEIRO, Joaquim. *Projeto Depoimento*. Op. Cit. .p. 17.

Porque o “progresso” é um conceito sem significado ou pior, quando imputado como um atributo ao passado (e essas atribuições podem ser denunciadas, com razão, como “historicistas”), que só pode adquirir significado a partir de uma determinada posição no presente, uma posição de valor em busca de sua genealogia [...] ²¹.

Neste ponto de vista, de atribuir valor ao passado conforme expectativas em relação ao presente, estes grupos, quando pensam o ideal de “progresso”, buscam criar valores que justifiquem a transformação da cidade, com o intuito de “moralizar” o povo, além de regatar suas genealogias.

Dentre as simbologias criadas para legitimar a desigualdade social, está a criação do “Uberlandense”, que seriam os filhos ilustres e trariam consigo certos valores “morais”, como o espírito desenvolvimentista. Já para o restante da população, sua função social seria servir a estes filhos, criando, desta forma, certa “harmonia social”. Esta educação “moral” também se daria em relação à construção do “Uberlandense”, desenvolvida ao longo do tempo, principalmente com a ajuda da imprensa local, que estava vinculada a grupos hegemônicos, como vemos no jornal *O Repórter*, em maio de 1934:

[...] que sejam futuramente homens de espírito mais lúcido, intelecto mais ativo para descortinarem nas trevas da luta entre os povos fracos por onde deverão aplicar os golpes que lhes vantagens materiais [...] ²².

Este texto é de 1934, mas, desde antes, procuravam-se formas de implantar significados para o “projeto de progresso”, através da racionalização do projeto urbanístico, que estava em seu início, mas já era implantado de forma autoritária, de modo a construir uma disciplina social.

Este fato está evidente quando o Coronel Carneiro impõe transformações na forma de construir os telhados das casas, que deveriam seguir o modo mais moderno, apresentado como melhor para a população. Para garantir as mudanças, este fiscalizava pessoalmente às construções:

²¹ THOMPSON, E.P. Intervalo: a lógica histórica. In: *A miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 53.

²² *O Repórter*, Uberlândia, 20 maio 1934.

As casas antigas eram de telhados corrido chovendo, a água caía logo ali na descida da telha, né, então ele mandou. A platibanda é uma espécie de muro da frente da casa, no lugar da, da telha corrida todo mundo fazia e muitos [...] completamente a, a posição de Uberlândia [...] ²³.

Quando se impõe a mudança cultural em relação ao modo da população construir suas casas, este grupo de latifundiários, comerciantes e políticos está buscando educar o povo segundo certos valores, que manteriam seu poder, mostrando que a cultura se constituía num terreno de embate, onde há um dinamismo cultural em que valores são assimilados e refeitos. Indica que não se tratava apenas de transformar o modo de se construir, mas de moralizar o povo, que também procurava resistir. Sinal disto foi o fato de ser preciso a fiscalização do Coronel. De acordo com o que assinala Stuart Hall, vemos que a transformação é um poderoso artifício para moralizar as classes trabalhadoras, “desmoralizando” os pobres e reeducando o povo ²⁴

Com este intuito, os “Uberlandenses” procuravam maneiras de construção dos espaços sociais, para fazer a população internalizar uma ordem social através da incorporação de novos “*valores, sentimentos interesses, tradições, memórias e expectativas*”, convenientes para o seu processo de formação de hegemonia ²⁵. Isto estará mais afluído a partir da década de 1930, quando, devido ao golpe de Estado, os grupos hegemônicos se tornam mais diversos.

1.2. A “Família Uberlandense”, espaços de lazer e condições sociais

Durante o golpe de 1930, os que se apresentavam como “revolucionários”, na cidade de Uberlândia, propuseram que novos personagens formem o cenário político, para uma nova etapa de construção do ideal de progresso, de acordo com o que indica Karina Novais em sua monografia:

²³ CARNEIRO, Joaquim. *Projeto Depoimento*. Op. Cit. p.17.

²⁴ HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2003, p. 232.

²⁵ KHOURY, Yara Aun . O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 24.

O modelo revolucionário formula a idéia de um governo que trará algo inédito em sua política, onde a crença no progresso e a esperança no futuro são apresentadas pelos ares da revolução, trazendo ao centro do palco outros homens que ainda não haviam representado papeis de tão alta envergadura²⁶.

Realmente o cenário político se torna mais amplo, mas aquelas elites que se propunham a conduzir a cidade para o desenvolvimento, e que queriam colocar a população dentro de uma hierarquia social de exploração, ainda estão no cenário político, embora não com a mesma força. Estes, que se mantinham no poder através do bom relacionamento com os donos de terra, começaram a encontrar dificuldades no cenário político. Mesmo assim, continuaram a ocupar cargos públicos, como se pode perceber na entrevista de Joaquim Carneiro:

Havia naquela época, a política sempre foi ligada ao Presidente do Estado, nomeação de delegado, isso, aquilo outro, até eu também fui delegado em Uberlândia, também por pouco tempo. E o relacionamento de toda essa gente, dependia simpatia ou amizade com os políticos²⁷.

Apesar do cenário ter mudado com a chegada dos interventores, aqueles que se consideravam os principais membros da sociedade “Uberlandense” continuaram exercendo grande influência no cenário político. De certa forma, o governo em exercício era legitimado por estes grupos, ainda que se tratasse de um governo imposto para a cidade, às vezes de forma agressiva, como foi a posse do prefeito José Antonio de Vasconcelos Costa, nomeado pelo interventor de Minas Gerais, para resolver certas divergências políticas que estavam ocorrendo na cidade. Divergências estas, que o ex-prefeito Vasconcelos Costa, em entrevista para o *Projeto Depoimento*, embora não forneça os detalhes, afirma terem ocorrido de fato.

Vasconcelos Costa descreve sua posse na prefeitura de Uberlândia quando, nomeado, chegou à cidade. A prefeitura estava sendo dirigida por um secretário; ao chegar à porta da prefeitura, falou para o porteiro que iria entrar e não se identificou como prefeito. Entrando na prefeitura, se acomodou à mesa do prefeito, mandou chamar o secretário que estava exercendo a função, e lhe falou que, a partir daquele momento a cidade teria um novo prefeito:

²² NOVAIS, Karina Barbosa. *A revolução de 1930 na perspectiva do Jornal “O Diário da Revolução”*. 2003. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003, p. 63.

²³CARNEIRO, Joaquim. *Projeto Depoimento*; Op. Cit.. p. 26.

Onde é o gabinete do prefeito? Ele me apontou onde é que era, eu fui lá, abri a porta (ele não gostou que eu tivesse aberto a porta). Eu me assentei na cadeira do prefeito e falei: ...Olha, eu sou o novo prefeito da cidade²⁸.

Ainda que se tratasse de um governo imposto para a cidade de Uberlândia, este governo se via legitimado pela “Família Uberlandense”, composta pelos grupos que possuíam grande poder político, econômico e cultural na sociedade de Uberlândia, que, ao longo do tempo, recorreram a artifícios de diferenciação do restante da população para se apresentarem como famílias que teriam uma íntima relação com o governo, possuíam a função de trazer a evolução para a cidade²⁹.

Esta criação do “Uberlandense”, construída ao longo do tempo, é nítida na entrevista do ex-prefeito Vasconcelos Costa, que, apesar de ter sido nomeado, sentia seu governo aprovado pelas “Famílias de Uberlândia”, e se emocionava, quando, pelas manhãs, uma família de renome mandava a serviçal levar chá na prefeitura:

[...] de sua saudosa e digna mãe, vinha uma, uma criada, transpunha a praça com uma bandeja na mão, levando chá para mim na prefeitura, aquilo me comovia muito, e me comovia porque eu sabia que a família Galassi na precisava de mim... O pai do Virgílio já era um homem que tinha relevo na economia do município, a sua mãe também, uma senhora pura, muito digna e fazia por simpatia, tanto que eu percebi que eu estava sendo bem aceito pela família Uberlandense.³⁰

Esta fala do ex-prefeito nos ajuda a refletir sobre como este símbolo estava sendo criado no imaginário e na realidade da população, pois seria uma forma de diferenciar os moradores de Uberlândia.

Uma entrevista contida na revista *Praia Clube*, no *Projeto Memória Praia Clube*, nos auxilia a pensar como a cidade estava repleta de símbolos que demarcavam o processo histórico de embate e resistência, entre os membros da “Família Uberlandense” e o restante da população:

²⁴ VASCONCELOS COSTA, José Antonio de. *Projeto Depoimento*. Arquivo Público Municipal. Uberlândia. Entrevista, 10 set. 1991, p.8.

²⁵ “*Fascínio que os dominantes exercem sobre os dominados através de seu cotidiano: roupas, veículos, jóias, moradias, textos, regras de comportamento se impondo como ideal de vida*”. VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1991, p. 27.

²⁶ VASCONCELOS COSTA, José Antonio de. *Projeto Depoimento*. Op. cit., p. 8-9.

Durante a montagem da Linha do Tempo, praianos ilustres, como o ex-governador Rondon Pacheco e Isolina Guimarães Cupertino Sales, filha de um dos fundadores do clube, Sr. Enéas de Oliveira Guimarães, foram entrevistados³¹.

O Praia Clube foi fundado em 10 de julho de 1935, por um grupo de doze amigos, que freqüentavam as margens do rio Uberabinha com o intuito da prática da natação. No início, os fundadores eram praticantes de natação no Rio Uberabinha, nas terras do “coronel” Constantino Rodrigues da Cunha, que permitia a prática de natação no local. Mas como, sua morte, o seu genro começou a proibir a prática dessa atividade, então os amigos decidiram se unir para cotizar o valor para compra da área às margens do Uberabinha. Assim conta o texto disponível na página eletrônica de apresentação do Clube:

Um rio, um trampolim de madeira e a paixão de um grupo de amigos pela natureza e pelo esporte. Estes foram os ingredientes que se combinaram para que, na década de 30, pudesse ter início a história do sonho que hoje se transformou em um dos principais clubes sociais do Brasil³².

Este clube pretendia representar, na presidência de Celso Souza Queiroz, a sociedade de Uberlândia, criando espaços sociais para formar a imagem do “praiano”, como são identificados os associados. Esta associação pretendia criar uma identidade muito próxima da que os grupos hegemônicos construíam para Uberlândia, não perdendo de vista que a Associação Praia Clube é constituída por indivíduos de grande poder econômico e político, segundo assinala senhor Abel Silva Santos, em entrevista publicada na revista do clube:

Este gerente impôs aqui no Praia um disciplina rígida, Ele impôs o padrão Praia Clube, que é de limpeza e orgulho de ser praiano. Ser praiano para mim significa um qualificativo, pessoa boa, correta, honesta, pronta para ajudar os outros. Nessa época, o gerente era Hermes Fonseca Carneiro.³³

Através desta entrevista, que ressalta um programa de ordenação do espaço do clube, podemos perceber que as qualidades do “ser praiano”, caracterizam-se pela constituição de uma pessoa boa, correta, honesta, esta muito próxima da descrição daquela “Família Uberlandense”, contida na entrevista do ex-prefeito Vasconcelos

²⁷REVISTA PRAIA CLUBE. Uberlândia, n. 73, p. 36, .ago./set. 2007.

²⁸PRAIA CLUBE. Disponível em: <<http://www.praiaclube.com.br/visitado>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

²⁹REVISTA PRAIA CLUBE, Uberlândia, n. 79, p. 20, set./out. 2008.

Costa, que tinha seu governo legitimado por estas famílias, às quais eram atribuídos valores, nos adjetivos análogos, de pureza e honestidade.

[...] de sua saudosa e digna mãe, vinha uma, uma criada, transpunha a praça com uma bandeja na mão, levando chá para mim na prefeitura, aquilo me comovia muito, e me comovia porque eu sabia que a família Galassi na precisava de mim... O pai do Virgílio já era um homem que tinha relevo na economia do município, a sua mãe também, uma senhora pura, muito digna e fazia por simpatia, tanto que eu percebi que eu estava sendo bem aceito pela família Uberlandenses³⁴.

A estrutura física do clube, após 1935, sofreu grandes transformações: de um trampolim às margens do rio Uberabinha, hoje em dia há um clube com uma área de cerca de 300 mil m², que conta com piscinas, campo de futebol, quadras, academias, vestiários, três ginásios, bares, restaurantes, quiosques, pistas de atletismos, salas de jogos, espaço para eventos, saunas, parques infantis, bosque, dois estacionamentos, departamentos médicos. Esta estrutura faz com que o Praia Clube esteja entre os maiores clubes de associados da América Latina³⁵.

Este Clube possui a revista *Praia Clube*, de edição bimestral e gratuita, sendo uma produção do Departamento de Comunicação e Gestão Estratégica, que têm como objetivo informar os “praianos” – como são chamados os associados - do desenvolvimento do clube, além de trazer diversas matérias com assuntos variados como: dicas de exercícios, culinária, informações sobre competições e outras. Possui também um projeto com o objetivo de resgatar a memória “praiana”, que teve início no aniversário de 72 anos do clube, com uma exposição chamada “Linha do Tempo”, construída com diversos painéis com fotos e textos sobre a história do clube. Segundo a revista de 2007³⁶, este projeto tem como intuito, “resgatar” a memória do clube através de “praianos” ilustres, como o ex- governador Rondon Pacheco, Isolina Guimarães Curpetino Sales e outros, que relembaram momentos vividos no clube.

Estas pessoas foram representativas tanto para a sociedade de Uberlândia, quanto para Associação Praia Clube, na reafirmação da hegemonia, ao elaborar costumes, valores, tradições, mentalidades, dentro do processo histórico. Esta revista pretende valorizar a memória das elites de Uberlândia e seu vínculo com a formação da cidade de Uberlândia.

³⁰VASCONCELOS COSTA, José Antonio de. *Projeto Depoimento*. Op. Cit. p.8-9.

³¹PRAIA CLUBE. Disponível em: <<http://www.praiaclube.com.br/visitado>>. Op. cit.

³²REVISTA PRAIA CLUBE, Uberlândia, n. 73. Op. cit. p. 36.

O senhor Abel Silva Santos, “praiano com muito orgulho”, de carteirinha número 11 e tendo ocupado por sete vezes cargos na diretoria e no conselho fiscal³⁷, nos ajuda a pensar como a sociedade estava criando códigos, através do seu modo de se trajar, por exemplo, nestes locais de lazer que estavam em sintonia com a conjuntura política, econômica e cultural.

Dentre os diferentes lugares de lazer na cidade, o entrevistado refere-se ao Bar da Mineira, de propriedade de seu amigo Hermes Fonseca Carneiro, e menciona que, neste local, para participar do jogo de sinuca, era preciso estar trajado formalmente, incluindo o uso de gravatas:

O Bar da Mineira era um bar, confeitaria, soverteria e tinha um salão de bilhar no fundo. E uma coisa que marcou época era: o cidadão que fosse jogar sinuca tinha que estar de gravata³⁸.

Este modo de se vestir, dentro desse processo histórico, estava caracterizando a formação da “Família Uberlandense”, que articulava este trajar de modo a compor respeitabilidade e criar uma distinção moral entre os grupos sociais, segundo vemos, por exemplo, na análise de Sidney Chalhoub sobre a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX:

Neste nível reina a ordem por excelência, já que os indivíduos aí localizados são aqueles de mais alto grau de moralidade, pois amam o trabalho e sabem respeitar a propriedade³⁹.

Este modo de vestir para caracterizar certos valores morais compunha no cotidiano das pessoas, o processo de moralização das classes trabalhadoras, de “reeducação” dos pobres, como aponta Stuart Hall. Na fotografia abaixo, em frente ao comércio Teixeira Costa e Cia., encontram-se presentes no enquadramento trabalhadores negros e pobres, que estão com roupas simples, muitos rasgados e sujos, enquanto os membros que denotam pertencer às “Famílias Uberlandenses” estão de terno e gravata, alguns de terno branco, ostentando certa respeitabilidade, pureza e distinção. Além disso, podemos observar que, apesar de estarem todos no mesmo enquadramento, os diversos

³³REVISTA PRAIA CLUBE, Uberlândia, n. 79. Op. cit, p. 20.

³⁴Id. Ibid.

³⁵CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.78-79.

grupos não se misturam, pois os negros estão no centro da foto, enquanto os “Uberlandenses” nas duas extremidades e mais próximos às portas do estabelecimento.



Foto 3
Comercial Teixeira Costa e Cia.
1920⁴⁰



Foto 3
Detalhe.

³⁶A fotografia foi provida pelo funcionário da Biblioteca Municipal de Uberlândia, Rogério Motta. Para ele, tem um valor sentimental, pois seu pai está na fotografia, ao lado de várias pessoas importantes para a época. Entre estes, está Arlindo Teixeira, proprietário da casa comercial Teixeira Costa e Cia. Segundo Rogério Motta, a fotografia foi tirada na década de 1920, não sabendo precisar a data exata. Arquivo Particular Rogério Motta, Uberlândia.

No detalhe, podemos perceber as condições sociais dos trabalhadores por meio dos seus trajes, rasgados e sujos; destaco o segundo homem da direita para a esquerda, sem calçados. Observo, como indica Carlos José dos Santos, em estudo sobre São Paulo no início do século XX, que “*a aparência física e as vestimentas dessas pessoas [...] faziam com que fossem consideradas naturalmente suspeitos e discriminados nos espaços públicos e privados*”⁴¹.

Além do Bar da Mineira, outros espaços, como clubes, salões de festas, cinemas, ruas, estavam neste processo de afirmar e reafirmar valores morais, costumes, que, para Yara Aun Khoury, podem nutrir os poderes dos grupos que se produziam como hegemonias:

Buscamos apreender como sujeitos específicos significam e interpretam a vida e a eles próprios, nos modos de projetar, trabalhar, morar, se relacionar, se comunicar, festejar, comemorar; apreender como se apropriam de e reelaboram valores, sentimentos, interesses, costumes, tradições, memórias e expectativas; apreender como hegemonias se engendram e carências e necessidades se constituem no embate das forças sociais. Neste sentido, estamos dizendo que processos sociais criam significados e que essas se instituem em memórias; por isso procuramos explorar os processos sociais de constituição da história.⁴²

Dentre os clubes que se constituem na década de 1930, na cidade de Uberlândia, está o Praia Clube. Muitos fatores evidenciam a sintonia dos clubes com a sociedade e que os “Uberlandenses” procuravam construir, com todo o significado dado ao “progresso”. Bares, clubes, cinemas e até mesmo ruas ajudavam a impor o projeto de desenvolvimento, que internalizava na população certa ordem social e que diferenciavam seus membros.

Na fotografia que veremos a seguir, do *Acervo João Quituba*, consta o Praia Clube na década de 1940. Pensando esta como um documento e não como uma mera imagem ilustrativa, assim como aconselha a historiadora Anne Marie Granet-Abisset, procuro vê-la não como um ato neutro, mas atribuindo sentido à ordem das pessoas e das coisas do mundo, e trazendo para a análise o sentido simbólico⁴³. Para a autora, a fotografia,

³⁷SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Op. cit., p. 168.

³⁸KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. Op. Cit., p. 24.

³⁹“É sobretudo pela função social da fotografia que tocamos no aspecto das representações. Fotografar ou se fazer fotografar não é jamais um ato neutro. Colocamo-nos imediatamente no domínio do simbólico. Atrás do papel acetinado ou mate, desenvolvem-se, implicitamente, discursos sobre a ordem das pessoas,

tomada como documento, colabora para que possamos compreender o domínio simbólico, as atitudes e a mentalidade dos grupos sociais. Para trabalharmos com a fotografia devemos ter preocupação em relação ao seu enquadramento, pois, segundo Granet-Abisset, devemos observar não só o que está na fotografia, mas os elementos que estão ausentes, pois a fotografia sugere, questiona elementos simbólicos da ordem social.



Foto 4
Praia Clube.
Década 40⁴⁴.

Nesta perspectiva, podemos perceber que o fotógrafo tinha como enquadramento, as pessoas que estavam às margens do rio, valorizando na imagem, mais que os banhistas, o modo das pessoas se trajarem para freqüentar aquele espaço público, mostrando elementos simbólicos referentes à ordem social. Podemos perceber que algumas pessoas, para freqüentarem o clube, se trajavam de maneira formal, revelando a

das coisas e do mundo”. GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Projeto História*, São Paulo, n. 24, p.21, jun. 2002.

⁴⁰João Martins de Oliveira, conhecido como “João Quituba”, nasceu 06 de outubro de 1907. Balconista aposentado, tornou-se conhecido como historiador da cidade e foi um dos fundadores do Arquivo São Pedro. João Martins decidiu doar seu arquivo para o Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia CDHIS-INHIS-UFU, para garantir a preservação e o acesso à comunidade aos materiais que acumulou ao longo de sua vida. A Coleção é composta por fotografias, livros de ouro, correspondências, materiais diversos e recortes. Ver: COLEÇÃO JOÃO QUITUBA. Série Fotografias. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

classe social a que estes grupos hegemônicos pertenciam, mostrando que a maneira de se trajar criava diferenças entre os grupos sociais.

Mas considero a vestimenta formal das pessoas retratadas na fotografia, levando em consideração a forma das pessoas trabalhadoras de se vestirem, pois, apesar de existir a imposição de um padrão para se trajar, principalmente nos lugares de lazer, os trabalhadores, em seu cotidiano, talvez não possuíssem condições de se trajarem neste padrão de elegância, como vimos nos filhos do Senhor Máximos, que estão rasgados, até mesmo sem roupas.

Isto evidencia que os trabalhadores são levados a usar certas roupas nos lugares de lazer para manter a ordem social. Neste clube pertencente à classe hegemônica, podemos perceber pessoas de terno, as senhoras de vestidos longos, e até as crianças, que traziam objetos para brincar às margens do rio, onde se formava uma espécie de praia devido ao acúmulo de areia, estão de forma elegante, simbolizando seu estrato social. Esta forma de se portar também é mencionada na entrevista da Dona Julieta Cupertino Guimarães, na revista *Praia Clube*:

Como íamos ao clube todos os domingos, eu observava também os trajes da época. Parece mentira, mas os homens usavam paletó e as mulheres vestidos e roupas mais fechadas⁴⁵.

O fotógrafo talvez esteja registrando alguma comemoração, mas, quando privilegia enquadrar o evento de cima para baixo, está privilegiando mostrar o modo das famílias se portarem às margens do rio, através das mulheres conversando. Na imagem, verifica-se o aglomerado de pequenos grupos, mostrando que ali seria um local de sociabilidade da “Família Uberlandense”, onde o trajar representaria certa moral, para estes grupos.

Através da imagem, podemos apreender que havia a tentativa da criação de modelo de postura moral, no comportar-se e no vestir, para os frequentadores das margens do rio. Ao mesmo tempo, busco pensar a fotografia como um documento que

⁴⁵REVISTA PRAIA CLUBE. Uberlândia, n. 82, mar./abr. 2008, p. 34.

deve ser analisado em conjunto com outros documentos, fazendo com que sejam complementares⁴⁶.

Neste aspecto, podemos fazer uma relação entre o modo de se trajar nos bares, com o uso de gravatas para a prática do bilhar, por exemplo, e os elementos simbólicos que estão na fotografia, dentre eles o modo das pessoas se trajarem, mostrando que este costume fazia parte do conjunto de atitudes, da mentalidade de certos grupos sociais, que buscavam, através destes códigos morais, demonstrar sua posição social, que os diferenciava de outros grupos.

Em 14 de maio de 1950, o governo municipal se mostra em harmonia com a elaboração dos costumes das elites, para com as práticas de lazer, em especial a postura que os freqüentadores de margens de rios deviam ter, quando promulga o Código de Posturas Municipais, Lei Numero 95. Este código de posturas trazia, no Título IV, “Da Policia dos Costumes, Segurança da Ordem Publica”, a preocupação em garantir a ordem , a moralidade e a segurança pública, através da cooperação dos poderes do Estado, mantendo medidas repressivas para cultivar esta ordem:

Art.70 - A prefeitura exercerá, com cooperação com os poderes do Estado, as funções competência regulamentando –se e estabelecendo medidas ... repressivas no sentido de garantir a ordem, a moralidade e a segurança pública.⁴⁷

A ordem que estava sendo imposta buscava padronizar o comportamento e os trajes dos freqüentadores das áreas que tinham locais para banho ou praticas de esportes, com a indicação de que os trajes deveriam ser apropriados “de modo decente”. Este conceito, de se portar de forma decente, já vinha sendo engendrado e se manifesta na imagem do clube, ainda na década de 40:

[...] próprio para banho ou esportes [...] devendo as pessoas que neles tornarem presente apresentarem com trajes apropriados e de modo decente [...] ⁴⁸.

⁴²“A idéia da complementaridade estimulante e operacional da fotografia com outras fontes, na apreensão de um fenômeno. A fotografia é particularmente complementar da fonte oral. Ambas compartilham uma mesma lógica, a da memória e do esquecimento”. GRANET-ABISSET, Anne Marie. Op. Cit, p. 16.

⁴³UBERLÂNDIA. Código de Posturas Municipais. Lei n. 95, de 14 de maio de 1950. Biblioteca de Apoio Uberlândia. Uberlândia, Arquivo Público Municipal, n. 3.

⁴⁴Idem.

Segundo Sidney Chalhoub, não devemos pensar este processo histórico, no entanto, como “dualidade”, onde a população estava excluída da conjuntura social, mas ali se encontra a disputar valores, que são “firmados” e “reafirmados” conforme o

movimento cultural. Não se deve criar pólos opostos, mas pensar como estão interagindo os agentes sociais para engendramos determinados controles.⁴⁹.

Estes grupos sociais também buscavam criar espaços e afirmar seus valores através das festas de salão, por exemplo, que muitas das vezes eram realizadas nos clubes e ajudavam a fortalecer a congregação dos grupos que se caracterizavam como as elites da cidade, como ressalta o jornal *O Repórter*, na matéria “Clubes Sociais”, de 04 de maio de 1948:

Uberlândia possui diversos clubes sociais, nos quais se diverte sua população. Como ponto principal reunião da elite local destaca-se o Uberlândia Clube Sociedade Recreativa, fundado há mais de dez anos funcionando ainda nos altos do edifício Central.
[...] Sociedade Recreativa em sua diretoria com a cooperação de outros valiosos elementos da sociedade Uberlandense, entre os quais lembramos agora dos Snrs. Aristides Rezende, Dr. Eugenio Pimentel Arantes, Dr. Mário Terra, Dr. Fausto Savastono e muitos outros [...] ⁵⁰

Uma das principais festas desses clubes era o carnaval, que originalmente seria uma festa popular, mas que, no contexto da época, era assimilado e resignificado para servir aos interesses dos grupos que tinham por objetivo prevalecer numa determinada hierarquia social.

Contudo, levando em consideração que nenhuma cultura continua estática, mas em constante mudança, com o carnaval não seria diferente. Para que possamos pensar esta dinâmica cultural, Thompson nos auxilia quando adverte:

Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e oral, o dominante e o dominado, [...] com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, da fraturas e oposições existente dentro do conjunto ⁵¹.

⁴⁵“Em suma, a hipótese que se lançar aqui é a de que existência da ociosidade e do crime tem uma utilidade óbvia quando interpretada do ponto de vista da racionalidade do sistema: ela justifica os mecanismos de controle e sujeição dos grupos sociais mas pobres”. CHALHOUB, Sidney. Op. Cit., p.80.

⁴⁶CLUBES Sociais. *O Repórter*, Uberlândia, 4 mai.1948.

⁴⁷ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 17.

Nesta perspectiva, a festa popular passa a adquirir novos significados para as elites de Uberlândia, quando passa a ser realizada dentro dos salões dos clubes, onde os organizadores buscam impor a ordem social que estava em vigor.

Penso desta forma, pois estes grupos, em conjunto com a imprensa, buscavam criar a imagem de que os carnavais nos clubes são locais de segurança e de respeito. Percebo aí uma forma de “embate em torno dos imaginários do povo”, como assinala Heloisa de Faria Cruz quando analisa a imprensa em São Paulo no início do século XX. Para a autora, esses embates são mais explícitos na política e na questão social, mas também ganham importância quando se trata dos costumes e da formação moral.⁵²

Esta construção simbólica sobre os carnavais de salão serem mais seguros, vincula-se à imagem de que as camadas populares não poderiam ter acesso àqueles locais, isto é, legitimava a interdição do espaço desses clubes às classes trabalhadoras. E não se tratava apenas de questão de poder aquisitivo, pois um membro da “camada popular” poderia juntar a quantia para, uma vez no ano, participar de uma festa de salão. A questão iria além da econômica. A segregação deveria demarcar os locais das festas de salão, porque, mesmo os pobres e negros tendo condição para pagar o ingresso, teriam que ser convidados por um sócio, que, simbolicamente, legitimaria a entrada desta pessoa no ciclo dos grupos hegemônicos de Uberlândia.

O jornal *O Repórter* traz o regulamento do Uberlândia Clube Sociedade Recreativa para o carnaval de 1948, que expressa elementos que vão se intensificar no imaginário social, com a segregação social enquanto algo natural, pois reafirma os espaços restritos. Não bastava ter o dinheiro, seria necessário ser convidado, legitimado por um membro:

- 1) O clube fará realizar 4 bailes” dia 7,8,9e 10, das 22 e, diante; duas matines infantis, dia 8 e 10 das 14 às 16 horas.
- [...] 3) Serão fornecidos convites, exclusivamente para pessoas residentes, fora do município, mediante apresentação e responsabilidade de um sócio quites [...]
- [...] 5) Não será permitido o uso de lança perfume de vidro⁵³.

⁴⁸CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890e1915*. São Paulo: Educ; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. p. 170.

⁴⁹UBERLÂNDIA Clube Sociedade Recreativa, Regulamento para o carnaval de 1948. *O Repórter*, Uberlândia, 4 fev.1948.

Esta tentativa de criar símbolos que diferenciasssem certos grupos de Uberlândia relaciona-se ao projeto de “progresso” que estes, em sintonia como o meio político e a imprensa local, buscavam impor para o restante da população.

A notícia do jornal *O Repórter*, sobre o Uberlândia Clube insere-se no processo mais amplo de formulação de um ideal de progresso, ganhando significado através da

imprensa relacionada aos grupos de industriais, comerciantes, que tinham um alto poder econômico, político e cultural, como se vê em trecho do mesmo jornal em novembro de 1934, em texto com características de editorial, intitulado “*Uberlândia*”:

Uberlândia realmente conquistou o lugar de cidade “leader” do Triângulo Mineiro. E isto se deve à sua administração, o que para ela têm feito os nossos dirigentes [...]

Debaixo de tal administração muito em breve veremos Uberlândia uma outra Liverpool plantada no coração do Brasil, com suas gigantescas chaminés, as suas sirenes... símbolos do nosso progresso e ornamento das nossa fabricas, a entoar o hino do trabalho ao operariado tão benquisto do nosso governo municipal⁵⁴.

Este artigo não é assinado, porque exprime a posição coletiva da redação e nos ajuda a cogitar qual o significado que estes estavam atribuindo ao conceito de desenvolvimento. Além disso, podemos verificar que este projeto estava sendo forjado tanto pela imprensa quanto pelas “Famílias Uberlandenses” e o poder político, que buscavam estabelecer um progresso pautado no desenvolvimento econômico, e que tinha como objetivo transformar Uberlândia em uma cidade parecida com Liverpool, construindo o ideal de progresso pautado na relação entre progresso e civilização, a partir Spencer, Augusto Conte, Émile Durkheim, que erigiam a Europa como o ápice das civilizações. O restante só poderia evoluir para este estágio, através ordem do corpo social.⁵⁵

Nesta perspectiva desenvolvimentista do positivismo, os ideais de progresso construídos pelos grupos hegemônicos de Uberlândia, estavam estabelecendo a humilhação sobre as pessoas. Pois, quando se estabelece o ideal positivista, buscando criar em Uberlândia uma cidade européia, como Liverpool, se está estabelecendo sobre as “camadas populares” toda a exploração que os trabalhadores sofreram para construir

⁵⁰UBERLÂNDIA. *O Repórter*, Uberlândia, 25 nov.1934.

⁵¹ “Passos havia esboçado um plano para a construção de casas operarias dentro dos preceitos recomendados pela „higiene”, e o que lhe valeu novamente as graças da imprensa que participava e difundia a ideologia do progresso que estes homens haviam importado do continente europeu”. CHALHOUB, Sidney. Op. Cit. p. 139.

as cidades européias como ápice do progresso, onde experimentaram uma degradação física e moral, devido às transformações sociais, em suas cidades, como está na obra de Stella Bresciani:

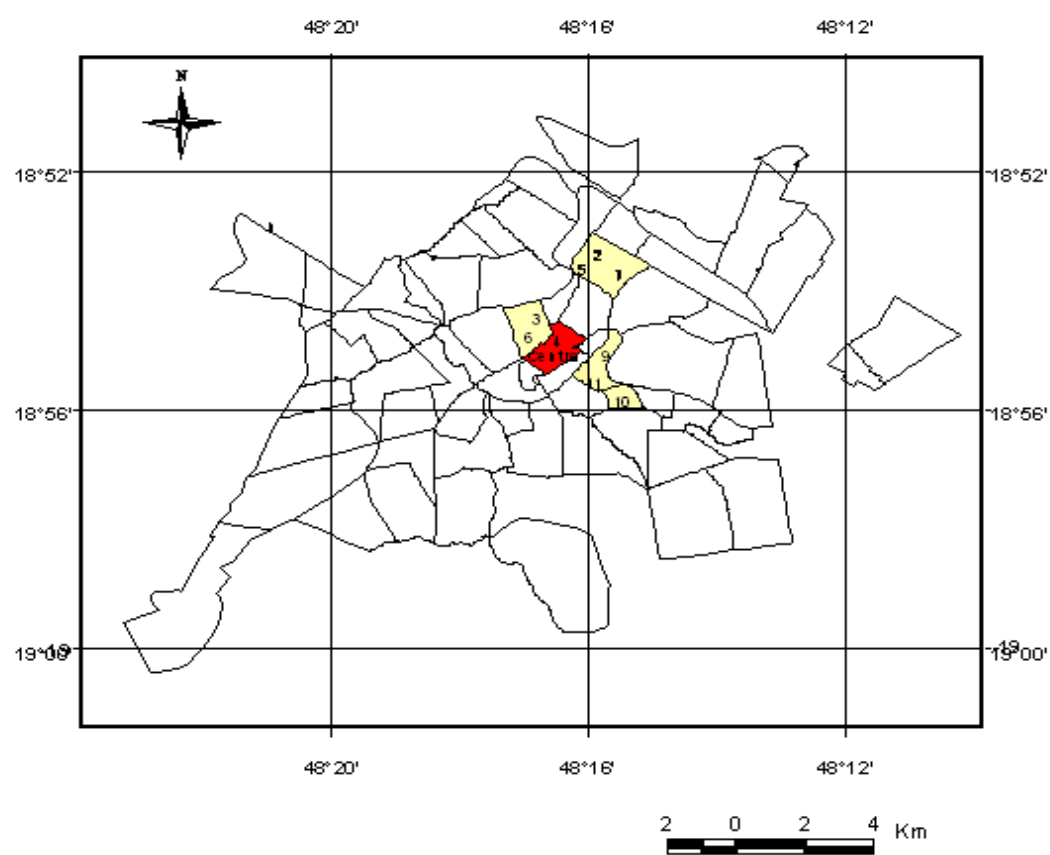
Mais imundície, piores sofrimentos físicos e desordens, morais do que os descritos por Howard em relação aos detentos das prisões, são encontrados entre os trabalhadores que habitam os porões nas cidades de Liverpool.⁵⁶

Podemos perceber que a fumaça das chaminés tão exaltadas nas linhas do jornal, numa perspectiva positivista, traz consigo toda a exploração que os trabalhadores sofreram nas cidades européias, e que, em Uberlândia, não seria diferente, devido ao desenvolvimento econômico não estar socializado com os trabalhadores, que ficaram à margem deste progresso, sofrendo com a falta do básico para sua sobrevivência, sendo expulsos, com a remodelação da cidade, para áreas ermas, conhecidas como vilas.

Abaixo, procurei identificar a localização de algumas vilas na cidade de Uberlândia, a partir de dados publicados no jornal *Participação*, buscando, também a correspondência com os bairros tais como os conhecemos hoje em dia:

	Vilas	Bairros atuais
1	Vila Carneiro	-
2	Vila Esplanada	Bairro Brasil
3	Vila Fátima	Bairro Martins
4	Vila Gardênia	Próximo ao Fórum Abelardo Pena
5	Vila Mendonça	Bairro Brasil
6	Vila Martins	Bairro Martins
7	Vila Operária	Bairro Brasil
8	Vila Oriente	-
9	Vila Presidente Vargas	Bairro Saraiva
10	Vila Saraiva 10	Bairro Lagoinha
11	Vila Gifonni	Bairro Saraiva

⁵²BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 29.



Mapa 1

Localização de Vilas na Cidade de Uberlândia⁵⁷

Estas vilas eram habitadas pelas classes trabalhadoras, como o jornal *Participação* menciona na reportagem de abril de 1985, no caderno Bairro, acerca do perfil dos moradores da Vila Saraiva:

O perfil econômico e social dos primeiros moradores é descrito por Roberto Cordeiro como sendo de classe assalariada de pequeno poder aquisitivo: empregados da construção civil, serralheiros, funcionários da Prefeitura⁵⁸.

A estes lugares, faltavam os principais saneamentos, para garantir uma vida digna ao trabalhador. Nesta reportagem, os entrevistados falam do bairro Lagoinha no final da década de 1950, que era conhecido como Vilas dos Leprosos, embora o número de leprosos que ali residiam não fosse superior ao dos outros bairros.

A maioria dos moradores mais antigos no bairro endossa a afirmação de José Pires quanto ao preconceito que ainda muitas pessoas guardam do bairro no tocante a existência de uma colônia de leprosos⁵⁹.

Nesta perspectiva, este estereótipo poderia ser devido às péssimas condições de infra-estrutura do bairro, que, na década de 1980, ainda não possuía rede de esgoto:

Este era totalmente abandonado. Não havia rede de esgoto, faltava estender rede de energia elétrica em muitos locais, a linha de ônibus não circulava dentro do bairro.

Enfim não tínhamos praticamente nenhuma benfeitoria⁶⁰.

Podemos perceber que, ao longo do tempo, o sentido dado ao conceito de progresso pelas classes dirigentes não contemplou a população pobre com os benefícios trazidos para a cidade. Hoje em dia, no início do século XXI, estas condições de vida e as disputas sobre o espaço e sobre o direito à cidade, em Uberlândia, se renovaram, se transformaram, mas ainda vivemos o processo de construção de hegemonia pelos grupos ligados ao latifúndio, ao comércio, à indústria, aos meios de comunicação⁶¹. Ao

⁵³REIS Laís Naiara Gonzalves dos, MORAES Mário. *Localização de Vilas na Cidade de Uberlândia*. Laboratório de Cartografia, Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, jun. 2010.

⁵⁴O ESPORTE fez escola na Vila Saraiva. *Participação*, Uberlândia, p.7, abr. 1985.

⁵⁵COMUNIDADE do Lagoinha faz valer seus direitos.. *Participação*, Uberlândia, p.7, abr.1986.

⁵⁶Id.

⁵⁷Ver SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. *Ser trabalhador na cidade: relações de classe em Uberlândia*. Fins do século XX e início do século XXI. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa

mesmo tempo, Carlos Meneses colabora com minha reflexão para pensar que os trabalhadores, na cidade constroem seu processo de atuação, a partir da busca de reconhecerem o que existe em comum entre eles na luta pela resistência àquela hegemonia.

História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Ver Também a monografia de graduação de Carlos Meneses, sobre a organização dos moradores de um bairro em Uberlândia: SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. *Democracia participativa e tensão social em Uberlândia: experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças*. 2007. Monografia (Bacharelado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

Capítulo 2

A construção da hierarquia social nos espaços da cidade

2.1. A desigualdade vai ganhando lugar.

Os grupos que tinham poder, econômico, político e cultural em Uberlândia, desde a década de 1920, buscavam estabelecer seu “projeto de progresso”, mas nem toda a população se via contemplada com o desenvolvimento da cidade. Diferente daqueles grupos, que pensavam estar transformando a cidade em uma Liverpool, para “as camadas populares”, era negado o básico para a sua sobrevivência.

A fala da Senhora Olívia Calábria, em entrevista para o *Projeto Depoimento*, é muito esclarecedora em relação à disputa social que estava ocorrendo em torno do projeto de progresso, que buscava colocar Uberlândia como uma cidade moderna, enquanto a população morria de forma cruel, por falta de atendimento hospitalar. Olívia Calábria foi estudante do colégio Liceu, aos 16 anos, lecionava numa escola particular chamada São Pedro, e, na mesma época, trabalhou na Coletoria Federal. Foi membro do Partido Comunista e uma das líderes da União Feminina. A entrevista foi produzida em Uberlândia, no Teatro Rondon Pacheco, no dia 19 de Janeiro de 1990.

Em sua fala, percebemos que não só os trabalhadores urbanos sofriam com a falta de tratamento, mas também os trabalhadores rurais:

[...] a minha rua era uma rua que moravam muito camponês. Então vinha gente do campo pra tratar na cidade. O único hospital que tinha aqui era aquela Santa Casa na Floriano Peixoto, que hoje lá é a Ford, né, era o único hospital que tinha. E então as faziam tratamento em casal então tem uma porção de fotos que eu nuca esqueci.

Foi de uma criancinha de dois anos que morreu atacada de lombriga de porco, aquela lombriga comprida pela boca. Aí chorava demais, a menina, que ficava nervosa, né, doente, anêmica. Ele veio pra cidade pra tratar. Mas na hora da morte dela, eu assisti, saía lombriga pela boca, pelo nariz, pelo ouvido, por tudo quanto...saía aquele, aquela quantidade enorme de lombriga. Aquilo atacou o corpo todo da criança. Aquilo me impressionou muito. Então eu achava que o povo precisava de ter uma assistência [...]

Tinha um rapaz que ele teve uma intoxicação muito forte. Ele pintava casas. Então as mãos dele até cheirava forte, aquele cheiro daquele queimado da tinta na mão dele. Inchou, aquelas mãos, ele gritava horivelmente [...]”⁶².

Esta entrevista colabora para que possamos entender as condições sociais da população nas primeiras décadas do século XX em Uberlândia, pois enquanto temos uma cidade sendo construída para ser comparada com uma cidade européia, as populações falecem por falta de tratamento médico.

Os títulos da imprensa burguesa buscavam construir a imagem progressista de Uberlândia, nas décadas de 1930 e 1940 - “*Uberlândia, sempre na vanguarda do progresso*”, “*Uberlândia, cidade do trabalho, da paz e do progresso!*”- que pretendem mostrar o desenvolvimento econômico da cidade como algo que ninguém poderia negar, como inquestionáveis, pois as estatísticas mostravam que, desde a década de 1930, havia um grande desenvolvimento econômico, simbolizado pela construção de prédios.⁶³

O progresso atingido por Uberlândia nestes últimos anos é um fato que ninguém pode contestar... É a estatística sempre infalível. Vamos estabelecer o quadro demonstrativo como a provar o que afirmamos.

Ano	Uberlândia		Juiz de Fora	
	Prédios	Porcentagem por dia	Prédios	Porcentagem por dia
1937	337	0,93	148	0,40
1938	453	1,24	203	0,57
1939	459	1,25	180	0,50

Apesar de se apresentar como algo incontestável, devemos refletir sobre quais grupos sociais, este progresso pretendia beneficiar, porque os trabalhadores, tanto na década de 30 e 40, não se viam contemplados com este enriquecimento da cidade. Devemos observar os dados relacionando com o cotidiano dos trabalhadores, a partir do que E. P. Thompson indica quando estuda experiência de vida e de trabalho de trabalhadores ingleses durante a Revolução Industrial na Inglaterra:

⁵⁸Entrevista realizada para o Projeto Depoimentos, no Teatro Rondon, em Janeiro de 1990, por Vânia Lucia Rende Candelot e Jane de Fátima Silva Rodrigues, com Olívia Calábria. Descendente de família Italiana nasceu em São Paulo, no dia 05 de abril de 1914. Durante sua vida foi, militante de diversos movimentos sociais, dentre eles a União Feminina. Além disso, se constituía como membro do Partido Comunista, agindo ativamente para divulgar estes ideais. Ver: CALÁBRIA, Olívia. *Entrevista. Projeto Depoimentos/ APM, Uberlândia. 19/01/1990*, p17.

⁵⁹COURES, Edmundo. Uberlândia, sempre na vanguarda do progresso. *Correio de Uberlândia*, 20 ago. 1940.

Temos de examinar simultaneamente o multiplicador e o multiplicado. Ao número indubitável elevado de crianças aleijadas nas fábricas, temos de contrapor a incidência de raquitismo entre os filhos de tecelões e de trabalhadores externos em geral [...]⁶⁴.

Nesta perspectiva, penso que seria importante relacionar o desenvolvimento econômico anunciado por jornais, governantes e estatísticas, com a melhoria de vida dos trabalhadores, porque, segundo a entrevistada Olivia Calábria, havia degradação física da população pobre, devido a vários fatores principalmente a falta de assistência médica. Mesmo nas páginas do jornal *Correio*, observamos indícios desta falta de assistência às famílias pobres, mostrando que, apesar do grande desenvolvimento econômico, estes grupos estavam morrendo por falta de assistência médica:

[...] ficou absolutamente sem tratamento durante um dia e uma noite, Abadia Petronilha- se chamava a infeliz- não encontrou na Santa Casa quem lhe desse uma gota de remédio ou o tratamento adequado [...]⁶⁵.

Esta reportagem tem como título “Preto não é gente? O Brasil é ou não é uma democracia?” e mostra grupos de negros reivindicando o direito de serem atendidos nos hospitais públicos, porque pessoas como Dona Abadia estavam morrendo por falta de tratamento:

Os fatos que vamos narrar são verídicos e podemos prova-los quando necessário. E os trazemos á luz porque, pretos que somos, revolta-nos que em pleno século vinte ainda sejamos tratados como irracionais que não merecem sequer o respeito que se deve a qualquer ser humano. .⁶⁶

Nesta sociedade, onde o progresso é tão exaltado, pessoas morrem por falta de atendimento médico; a Santa Casa, que deveria atender as pessoas carentes, pois era financiada com recursos do povo (“*Mais um milhão de cruzeiros para a Santa Casa de Uberlândia*”⁶⁷), agia negligentemente em relação aos pobres e negros.

Levando em consideração a conjuntura social, não podemos dizer que pobres e negros são tratados com isonomia, mas principalmente os grupos formados por negros,

⁶⁰THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 2, p. 199.

⁶¹PRETO não é gente? O Brasil é ou não é uma democracia?. *Correio de Uberlândia*. 13 de mar. 1948.

⁶²Id. Ibid..

⁶³MAIS de um milhão de cruzeiros para a Santa Casa de Uberlândia. *O Repórter*, Uberlândia, 5 jul. 1948.

que enfrentavam uma sociedade impregnada de preconceitos, vindos do sistema escravista, onde certos grupos de “Uberlandenses” não se viam num mesmo ambiente com pessoas negras, a não ser que estas estivessem trabalhando, como nos bares e clubes da cidade. Não podemos considerar que esta sociedade tratava todos com igualdade. Do mesmo modo que Thompson assinalava sobre a sociedade inglesa durante a Revolução Industrial, observamos: “ é inútil *insultar nossa inteligência com a observação de que estes homens são livres, que a lei protege igualmente o rico e pobre*”⁶⁸.

Para o ex-prefeito Vasconcelos Costa, o progresso de Uberlândia se deu baseado na agricultura do arroz, na pecuária e no ciclo industrial:

Então é essa a impressão que eu tenho de Uberlândia e o meu discurso que eu fiz aqui hoje vai mostrar aos senhores as três fases, da vida e o progresso de Uberlândia. As três faces econômicas: a fase da, da rizicultura, a fase da, da, da agricultura, do arroz. O arroz teve uma, uma influencia catalítica muito importante na economia de Uberlândia ⁶⁹

Nesta visão, a agricultura foi muito importante para o desenvolvimento da cidade, conduzido pelas elites locais. Mas, voltando à fala da Senhora Calábria, mostra que os trabalhadores, tanto da cidade como do campo, se viam à margem deste “progresso”, pois não eram beneficiados nem com o fundamental, que seria a saúde pública. Ainda assim, a imprensa construía a imagem do trabalhador bem quisto pela prefeitura, como está no jornal *O Repórter*.

Para manter a disputa social favorável aos grupos que construía o conceito de progresso, baseado na desigualdade, seria necessário construir uma ordem onde a disciplina teria que ser internalizada pelas classes sociais não hegemônicas, onde esta desigualdade social se tornaria natural para os diversos agentes sociais⁷⁰. É preciso, no entanto, pensar que, mesmo que as para conseguir manter a ordem social, foram criadas simbologias que demarcavam o espaço social, mostrando a função de cada indivíduo na conjuntura. A autora Marta Emísia Jacinto Barbosa colabora para que possamos refletir sobre as disputas, através dos espaços sociais quando analisa a cidade de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX:

⁶⁴THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Op. Cit., p. 24.

⁶⁵VASCONCELOS COSTA, José Antonio de. *Projeto Depoimento*. Op. Cit., p. 9.

⁶⁶“Hegemonias vão sendo realimentadas, que também continuam a ser contestadas e questionadas e que não estão definitivamente instaladas”. KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. Op. Cit., p.24.

As reformas urbanas, traduzidas no processo de remodelação da cidade, extensivo aos habitantes, constituíram-se no esforço de ordená-la. De acordo com técnicas de planejamento dos espaços físico e social, desenharam-se correções, coações, normatizações, que agiram mapeando Fortaleza.⁷¹

A cidade de Uberlândia passa por um planejamento dos espaços físico e social, a remodelação dos espaços tinha como objetivo reelaborar novos valores, sentimentos, costumes, para atender o processo de disputa social, que traria sentido ao desenvolvimento que comerciantes, latifundiários, políticos, vinham tecendo para a população.

Dentre os espaços sociais que estavam passando por remodelações para atribuir à ordem social certo sentido, estavam os bares, os clubes, os cinemas, as festas. Estes locais traziam mais que um local de sociabilidade, mas configuravam-se como locais que simbolizavam a disputa, a resistência, e também o “fazer” e o “refazer” dos valores que representavam a divisão social, colocada a cada indivíduo, em seu devido local dentro do projeto, que estava sendo desenvolvido para a cidade.

A autora Célia Rocha, colabora para que possamos pensar como estes locais de sociabilidade estavam sendo significados simbolicamente, para impor certa “moralização” em Uberlândia ao longo do século XX:

[...] queriam inscrever a cidade como um lugar das luzes, do progresso, sobretudo, do avanço dos meios técnicos ou daquilo que as técnicas proporcionaram, em termos, de instituir um novo padrão de acumulação do capital, pautada na divisão social do trabalho, que levou a compartimentação da vida social, isto é, que promoveu a hierarquização das relações, por meio das mudanças nos modos de viver, trabalhar, de se divertir e de morar, traduzidas na sua organização simbólica [...]⁷².

Pensando como estes espaços estão sendo construídos para “conduzir Uberlândia ao progresso”, os locais de sociabilidade se moldam dentro do processo histórico, através das experiências das pessoas, onde os valores estão ganhando significados. Devemos pensar como estes locais de lazer, passam a ser usados para

⁶⁷BARBOSA, Marta Emília Jacinto. Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olhos d'Água, 1999, p.158.

⁶⁸CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos, Uberlândia 1938-1990*. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001, p. 81.

impor padrões morais instituídos, assim como observaria Denise Sant'Anna em estudo sobre o lazer na cidade de São Paulo⁷³.

Na perspectiva de pensar os valores que estão sendo atribuídos aos locais de lazer, de sociabilidade, dentro de Uberlândia, para trazer uma harmonia à ordem social, devemos pensar os bares. Para pensarmos os bares como locais de sociabilidade, o autor José Carlos Barreiro nos auxilia, quando observa que as pequenas vendas que serviam de interposto comercial, durante o século XIX, em São Paulo, para muitos, eram vistos como locais de ócio e furto, mas se constituíam como locais que apresentm questões para analisarmos as “camadas populares”. As tabernas, como são chamados estes bares pelo autor, são locais ricos em história oral, danças, músicas, são locais para se discutir política, onde há trocas culturais: “...Assim, o trabalho e os objetos produzidos por esses homens e mulheres traduzem os seus próprios valores culturais, compondo a experiência e complexa desses segmentos sociais...”⁷⁴.

Estes locais seriam importantes para a historiografia brasileira, que deixaria de entender os trabalhadores apenas pelas instituições, passando a valorizar as experiências das pessoas em feiras, pousadas e vendas, bares:

[...] caberia ampliar a referência do entendimento da ação política das “camadas populares”. É possível entendê-la, por exemplo, a partir de sua vivência em espaços não-institucionais como os vinculados a feiras, pousadas [...] ⁷⁵.

Para Barreiro, o avanço dos ideais de progresso e modernidade causará o desaparecimento e a substituição dos locais de sociabilidade que as tabernas representavam:

[...] O desaparecimento e a substituição do antigo espaço da taberna, com todo o conteúdo cultural de que se revestia, implicam também no declínio de uma tradição e de uma memória comum que garantiam a existência de uma experiência coletiva [...] ⁷⁶.

Nesta perspectiva, penso que, apesar do autor propor uma análise que para além das instituições, quando mostra a ação do progresso, acaba demonstrando que a cultura

⁶⁹SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *O prazer justificado: história e lazer* (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 10.

⁷⁰BARREIRO, José Carlos. Op. Cit., p. 69.

⁷¹Id. p. 67.

⁷²Idem, p. 73.

dos trabalhadores está sendo determinada pelas instituições políticas e econômicas, pois esta cultura será substituída ou desaparecerá.

Levando em consideração que a cultura da classe trabalhadora não é pura, mas está sendo formada dentro do processo histórico, que constituirá um terreno disputas, estes bares, ou o termo importado “tabernas”, conforme a experiência dos trabalhadores durante a disputa social, irão ganhar novos significados para a criação dos valores. Desta forma, considerando os bares do século XX, não penso que houve somente a substituição ou desaparecimento, mas a reelaboração desses locais de sociabilidade.

Para buscar impor valores, as camadas hegemônicas construíam uma hierarquização social para os locais de lazer, estes bares da região central servem para discutir política, os bons costumes da sociedade “Uberlandese”, onde estaria o ápice da “moralidade”.

Nestes bares, não freqüentavam negros e nem pobres, pois estes simbolizam a ociosidade, porque não estava vinculada com o mundo do trabalho. Para Sidney Chalhoub, a classe dominante busca criar uma hierarquia social, para manter o controle⁷⁷. Em Uberlândia, no Bar da Mineira, trabalhadores pobres e negros poderia estar apenas como empregados, exercendo funções subalternas, simbolizando como que determinados grupos sociais eram incorporados dentro da hierarquia social. Este fato pode ser observado na fotografia dos funcionários do Bar da Mineira, dos anos 1950, onde a maioria é de negros ou mulatos:



Foto 5
Bar da Mineira, Garçons e cozinheiros.
Década 50⁷⁸.

⁷³CHALHOUB, Sidney. Op. Cit..

⁷⁴COLEÇÃO JOÃO QUITUBA. Série Fotografias. Op. Cit..

Podemos perceber que havia ambientes que os negros e pobres só freqüentavam como empregados das grandes famílias. Este fato pode ser visto na dissertação de Julio César de Oliveira, que se refere ao cantor Lotinho, famoso na cidade por trabalhar nas principais casas noturnas, e muito bem aceito nas casas onde os negros e pobres só poderiam entrar para trabalhar:

Existia motivos de sobra para que ele fosse bem recebido em todos as boates, clubes e, principalmente, nos bordéis disseminados pela rua Sem Sol, inclusive, no lupanar da Flauzina, pois, apesar de muito jovem, Lotinho era um cantor famoso que se apresentava, dentre outros, no Uberlândia Clube, Cassino Monte Carlo e na rádio Educadora.⁷⁹

Este fato também aparece na fala de Maria de Jesus Castorina, em entrevista para o *Projeto Depoimento*, ao mostrar que só teria acesso a certos lugares do cinema se estivesse na posição de empregada, porque trabalhava de babá para uma família tradicional “Uberlandense”. Maria de Jesus Castorina veio para Uberlândia aos 8 anos, para viver e trabalhar como pajem. Quando chegou à idade adulta, passou a trabalhar como doméstica para diversas famílias. É irmã de Anísio, proprietário do Clube Patrocinio, e, para se divertir, afirma que gostava de participar do congado. A entrevista foi realizada 24 de abril de 1991:

C.M.J. - ...fui muitas vezes porque ia... matine levando as menina da patroa, né. Levando as crian... junto... criança da patroa.

M.J.O. - Ai a senhora podia sentar, né?

C.M.J. - Ai podia entrar , tinha que entrar pra ficar lá junto [...].⁸⁰

Nesta perspectiva, os locais de lazer estavam criando códigos, que legitimavam o poder das classes dominantes, pois não excluía os pobres e negros destes locais, mas dentro da conjuntura social eram criados símbolos que os colocavam como “atores secundários”⁸¹, onde deveriam ser submetidos a serviços considerados inferiores, internalizado certa ordem social. De acordo com Heloisa de Faria Cruz:

⁷⁵ OLIVEIRA, Julio Cezar de. *O Último Trago, A Última Estrofe – Vivencias Boemias em Uberlândia nas Décadas de 40, 50 e 60*, Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo – 2000, p101.

⁷⁶ CASTORINA, Maria de Jesus. *Projeto Depoimento*. Arquivo Público Municipal, Uberlândia. Entrevista. 24 abr. 1991, p. 62.

⁷⁷ De acordo com Carlos José Ferreira dos Santos, os trabalhadores pobres e negros eram disciplinados para realizar funções consideradas inferiores: os que se consideravam a “sociedade da Paulicéia” seriam os principais atores na condução da cidade, enquanto os trabalhadores estavam como atores secundários.

Para as classes dominantes, coloca-se a necessidade de pensar, propor, organizar e experimentar estratégias que lhes possibilitem a “gerencia” e o controle de homens despossuídos, aglomerados pelo mercado de trabalho urbano em uma nova situação de vida e trabalho⁸².

Para que se possa manter uma ordem, que favoreça a classe dominante, então numa sociedade onde não havia eleições, o prefeito era nomeado, que buscava legitimar seu governo através da relação com os “Uberlandenses”, a restrição a negros e pobres, simbolizava a posição das camadas sociais no destino da cidade, no debate para o desenvolvimento do progresso, que estava no controle de alguns. Grupos, após meados da década 1940 o sistema representativo retorna, mas certos grupos mantêm o domínio político na cidade.

A entrevista do ex-prefeito Vasconcelos Costa nos ajuda a pensar o significado dos bares que estavam localizados no centro da cidade, que, através da hierarquia social, eram construídos como lugares de negociação política e de valorização dos bons costumes, ligados à “Família Uberlandense”:

Mas grandes amigos meus daqui eram da UDN. O Dr. Jacy de Assis que era uma figura brilhante aqui, um dos homens mais cultos da cidade, tinham um, um belo escritório, uma biblioteca enorme; eu constantemente ia lá tomar um café com ele, conversar com o Jacy, trocar idéias com eles, uma prosa muito agradável, muito culto, muito inteligente e Nicomedes...Alves dos Santos, que todo mundo conheceu aqui em Uberlândia, um homem de projeção na vida econômica da cidade, que era udenista convicto, mas tinha por mim muito afeto, muita consideração, estávamos sempre juntos, constantemente nos encontramos no Bar da mineira para tomar um chopp, uma bebida e quase todo o pessoal da UDN.... Eu consultava muito o povo aqui, em conversa, o que eles achavam⁸³.

Através dessa fala, podemos perceber de que forma os locais de lazer, que deveriam ser lugares de sociabilidades de diversos agentes sociais, passam a configurar espaços sociais para determinados grupos, que negociam os projetos sociais para a cidade. Nesta fala, tanto os locais privados, como a biblioteca do jurista Jacy Assis, quanto o espaço público dos bares têm a função de legitimar o governo nomeado.

Ver: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890- 1915)*. São Paulo: Annablume, 1998.

⁷⁸CRUZ, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência* (São Paulo- 1900/1920). São Paulo: Ed: Marco Zero, 1991. p.40.

⁷⁹VASCONCELOS COSTA, José Antonio de. *Projeto Depoimento*. Op. Cit. p. 10.

O bar citado na entrevista simbolizava a divisão social que buscava internalizar nas “camadas populares” a exclusão das decisões políticas, buscava mostrar uma sociedade naturalmente dividida, com limites para certos espaços que certos moradores de Uberlândia não poderiam frequentar, como negros e pobres.

Esta forma de representar o Bar da Mineira, como um local que representaria o embate social da cidade de Uberlândia, dando novos significados aos valores e costumes, contribui para pensarmos a cultura como um campo de disputa, segundo a autora Deá Ribeiro Fenelon, considerando-a como dimensões onde se expressam as experiências dos trabalhadores, seus sentimentos e valores, que estão sendo feitos e refeitos no processo histórico real, indo além do determinismo político e econômico que privilegiavam os aspectos materiais;

Se estamos falando de examinar a experiência social dos trabalhadores em todos os seus ângulos de existência e de vida, para além de apenas examinar seu movimento e organizações ou associações políticas, isto significa querer examinar todo o seu modo de vida no campo das transformações e mudanças que, cotidianamente, experimentam os trabalhadores em todos seus aspectos do viver a dominação burguesa e capitalista. Não apenas na moradia, na fábrica, no lazer, na alimentação, na religiosidade, etc. mas também no campo dos sentimentos e dos valores são expropriados no dia-a-dia da dominação, a resistência oferecida neste processo e na necessidade de reconstruir e reinventar a cultura a partir de sentimentos de perda de padrões antes estabelecidos.⁸⁴

Na entrevista que realizei com o Sr. João Batista Azevedo, trabalhador da construção civil e integrante de terno de Congado em Uberlândia, pode-se perceber a cultura como um campo de disputa. Quando lhe pergunto se Uberlândia era meio preconceituosa, ele responde que Uberlândia tinha horror de negros, fala sobre a existência de certos clubes que só aceitavam negros como uma forma de resistência à hierarquia social construída pela classe hegemônica, que criava clubes só para brancos, espaços onde os negros não poderiam frequentar, pois estes não teriam certa “moral”. Mas, demonstrando que “havia uma pluralidade de sujeitos políticos na sociedade, lutando a seu modo para atingir objetivos que lhes eram caros e assim governar sua própria vida...”⁸⁵, cria-se o clube Caba Roupas, apenas para negros. A resposta do Sr. João mostra um processo de disputa social que estava sendo criado em Uberlândia, em torno de bares e clubes:

⁸⁰FENELON, Déa. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 6, p. 5-23, jan.-jun. 1992, p. 46.

⁸¹CHALHOUB, Sidney. Op. Cit., p. 7.

Mário - Mas Uberlândia era meio preconceituosa, pelo que já andei lendo.

Sr. João - Tinha horror de preto [...]. Aqui, tinha um tal Dengo, trabalhava no frigorífico, mas tinha um clube de dança, ali no rumo do Pão de Açúcar. Ali, tinha que entrar... lá, no mercado velho... lá, no clube dele, no lado de lá, assim. Lá, era só dos pretos, mesma coisa brancos, porque punha os pretos pra correr, aí ele fez esse clube lá, chamava Caba Roupas.

Em seguida, pergunto para ele sobre o Bar da Mineira, levando em consideração que não tinha conhecimento do Clube Capa Roupas, mas já sabia que este Bar da Mineira simbolizava um local de exclusão social:

Mário – Não, eu ouvi falar do Bar da Mineira, não era clube de dança, mas era um bar famoso, que tinha no centro de Uberlândia.

Sr. João - É, é, era o Bar da Mineira, famosos, o mais famoso.

Mário - Mas lá não entrava negro.

Sr. João – Lá, eles não aceitava, lá eles não vendiam uma balinha pra negro, só pra rico. E pra entrar tinha que ser bem arrumadinho, e não entrava no bar, não.”⁸⁶

Esta criação de clubes só para negros pode caracterizar a introdução dos valores dos grupos hegemônicos, que, dentro da conjuntura social, criavam uma hierarquia, onde atribuíam significados pejorativos à classe trabalhadora. No entanto, podemos perceber que estas classes reelaboravam esses valores conforme suas experiências, que mostrará os clubes constituídos somente por negros como locais ricos em danças, músicas, debates políticos, e que, expõem suas vivências de modo a refazer a imagem do trabalhador como aquele que teria “tendência para a desordem”.⁸⁷

⁸²AZEVEDO, João Batista. *Entrevista*. 15 out. 2009. Entrevista realizada na residência do Sr. João, localizada no bairro Planalto. O entrevistado conta que é natural de Uberlândia, seu amor pelo congado e como foi sua graduação até chegar a capitão dos camisas verdes. Além disso, conta suas experiências como trabalhador da construção civil, onde iniciou como servente, chegando a mestre de obra, relembra a maneira como se divertiam e seu relacionamento com os parentes, que moravam no bairro Patrimônio.

⁸³“Ressalta-se, no entanto, que a situação é um tanto ambígua. Se é verdade que as condições concretas de vida dos populares propiciam em certa medida a absorção de valores que facilitavam o controle social, não é menos verdade que esses valores vinculados pela classe dominante “eram lidos” ou interpretados de forma um tanto diferente”. CHALHOUB, Sidney. *Op. Cit.*, p. 151.

2.2. Quando a desigualdade se torna segregação social.

O trabalho de Júlio César de Oliveira colabora para que possamos continuar pensando de que forma as áreas de lazer estavam sendo significadas conforme a conjuntura social, dentro do projeto de progresso, que não contemplava a todos, mas reafirmava o embate social:

Portanto, a Uberlândia laboriosa, ordeira, comercial, industrial e dotada de uma infra-estrutura “moderna”, aliada a uma arquitetura avançada e arrojada, agonizava e transformava-se em um imenso cabaré⁸⁸.

Este autor nos ajuda a pensar como o prazer noturno estava se organizando, e inicia mostrando que a remodelação da cidade de Uberlândia, com a expulsão das casas noturna para as áreas periféricas, causou uma enorme proliferação dessas no meio das casas populares:

Independente das discussões jurídicas, que oscilavam entre ser legal ou ilegal criar-se uma zona boêmia, centralizar ou não os lupanares para melhor controlá-los, a realidade era que, a partir dos anos 50, coincidindo com o ato do prefeito Tubal Vilela, as casas de tolerância proliferavam, fazendo com que os pais de família escrevessem sem suas portas: “residência familiar” [...] ⁸⁹

Para os grupos dirigentes da cidade de Uberlândia, a zona boêmia deveria ser deslocada do centro da cidade para as periferias. Esta concepção mostra que a disputa social não estava apenas nos lugares de lazer, mas no próprio espaço urbano, a ser moldado para internalizar a ordem vigente, pois o centro seria o local onde estaria o “progresso”, com o embelezamento das ruas, com a moradia das “famílias Uberlandenses”, enquanto nas periferias, ou nas vilas, como se designavam no período, estavam os que eram expropriados pelo “progresso” formulado pelos grupos dominantes.

Esta disputa em relação ao espaço geográfico da cidade é também estudada por Eliene Dias de Oliveira Santana, onde vemos o trecho de uma entrevista com a

⁸⁴ OLIVEIRA, Julio Cezar de. *O último trago, a última estrofe: vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000, p. 94.

⁸⁵ Id. p. 91.

Sra.Minervina da Silva Sérgio, expõe seus sentimentos e dificuldades como moradora de um bairro de periferia e ao mesmo tempo afirma não se sentia excluída, mas fazendo parte da cidade. Eliene Santana defende que a forma de se construir as áreas periféricas estava na disputa social, e que devemos compreender qual o sentido atribuído a estas áreas dentro de uma hierarquia social e não colocar estes moradores como excluídos:

O Centro era lugar dos cinemas e a Praça Tubal Vilela, lugar de lazer e das escolas. As vilas era lugares longe da cidade, caracterizadas pela presença de barracos de zinco e por extrema pobreza, lugar onde os moradores dividiam espaço com o mato e para onde eram mandados os loucos da cidade. A separação não significa que ela considerasse que não morava na cidade de Uberlândia por residir nas Vilas.⁹⁰

Para pensarmos nesta disputa do espaço urbano, a fala do vereador Casassanta, em entrevista para o jornal *O Repórter*, de 25 de abril de 1951, nos ajuda a refletir sobre ambigüidade da defesa da necessidade de manter esses locais de prazer, mas longe do olhar da “família Uberlandense”, que buscava construir valores morais para engendrar seu poder:

Se a maioria dos uberlandenses baterem palmas pela idéia que oferecemos, porque não tentar a execução desse problema de que há muito vem afligindo nossa população. Não pedimos que se extirpe o meretrício, mesmo porque ele existe sob as mais variadas formas. E não será uma lei que venha a eliminar esse cancro que existe desde que o mundo é mundo. Não concordamos, entretanto, com a prostituição em plena cidade. Localizada em um lugar por onde transita grande parte de vitrines aguçando a curiosidade grandes e pequenas.⁹¹

Se os integrantes da “família Uberlandense” bateram palmas para seu projeto, as famílias que estavam nas áreas periféricas, que por consequência do ordenamento sanitário do centro, teriam de colocar em suas portas as placas indicando que se tratavam de casa de família, não estavam referendando o projeto do vereador para a transferência da zona boêmia para as vilas e os bairros carentes: Patrimônio, Vila Martins e Tubalina, em meio às casas das famílias mais carentes.

Ao mesmo tempo em que os “Uberlandenses” agora tinham que se deslocar para as áreas periféricas em busca de prazer, estes procuram criar distinção entre os locais

⁸⁶SANTANA, Eliane Dias de Oliveira. *Cultura urbana e protesto social: o Quebra-Quebra de 1959 em Uberlândia*- MG. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005, p. 38.

⁸⁷OLIVEIRA, Julio Cezar de. Op. Cit. p. 84.

freqüentados pelas camadas populares e os locais dos grupos hegemônicos. Portanto, o que percebemos é que, nos lazeres noturnos, o embate social também estava presente, como vemos nos espaços elencados por Julio Cezar de Oliveira, cassinos e as casas noturnas⁹².

Nesta frase percebemos que não só o Bar da Mineira estava fechado aos pobres e negros, mas também os salões de jogos, e os prostíbulos considerados mais elegantes, assim também como vamos perceber que as camadas populares buscavam organizar seus espaços, nesta cidade tão dividida, pela cor da pele e pela condição social:

De acordo com Anísio, essa Boate era menos glamourosa da que os Cassinos Oriental e Monte Carlos, pois “a Boate do Marra não tinha condições para manter uma orquestra porque a freqüência de seu público era pequena e composta de um povo mais humilde.”⁹³

Anísio era dono do São José do Patrocínio, um clube para as camadas populares, frequentado por alguns políticos por ocasião de alguns eventos, como o prefeito Tubal Vilela. Era um salão considerado muito arrumado e para freqüentá-lo, também era obrigatório o uso de gravata. Nesta perspectiva, este salão está se apropriando e dando novo sentido a valores das “Famílias Uberlândenses”, como observamos na entrevista de Maria de Jesus Castorina:

Esse salão freqüentava a classe pobre, né, todo mundo! Mas ocasião de ... de... treze de maio, carnaval, as autoridades da cidade freqüentava nosso salão “lá”, ia fazer visita (...) no treze de maio também tinha sessão cívica no salão.⁹⁴

Os locais que eram freqüentados por negros e pobres serão estenotipados por certa parte da imprensa como espeluncas que serviriam para o pecado, e estariam acabando com a cidade, como publica o Jornal *O Repórter*, em julho de 1948:

[...] nada ligam às portarias e as decretos governamentais e „licenciosamente” enfaixam as sua espeluncas com rótulos de clubes recreativos e culturais. Dai proliferar cada vez mais, em todos os quadrantes, esta miséria, dia a dia

⁸⁸“Ele pôde perceber que muitos espaços destinados ao prazer, como o Cassino Monte Carlo e o bordel da Flauzina, continuavam fechados aos negros e pobres, que ali só adentravam se fosse a trabalho”. OLIVEIRA, Julio Cezar de. Op. Cit., p. 99.

⁸⁹Idem, p. 100.

⁹⁰CASTORINA, Maria de Jesus. *Projeto Depoimento*. Op. Cit. p. 33.

minando a energia moça da cidade, levando-a ao descalabro moral e á inutilidade física [...]”⁹⁵.

A imprensa burguesa, que recebia apoio dos latifundiários, industriais e do Estado, tinha uma postura patriarcal, colocando-se no dever de educar, cuidar, das pessoas moradoras da periferia, investindo-se da posição de representante da justiça e moralidade para a cidade:

Como todos os militantes da boa imprensa, cabe nos dizer, sempre nos enquadramento dentro do setor de justiça, opondo nos com desprendimento as atitudes ou ações que venham de encontro ao bem estar coletivos.⁹⁶

Esta passa a trazer temas que são apresentados como de interesse da “coletividade”, com chamadas como, “*Como se joga em Uberlândia, altas horas da madrugada uma criança respirava o ar infecto de uma espelunca de jogo*”, “*Do espeto á braza, consta que foi interdito o jogo do “bicho” mas o Pif-Paf continua em ação*”. Mostram a questão do jogo, da prostituição, como espalhados por toda a cidade. Estes temas são apropriados e ganham significados conforme os valores dos grupos que os constituem como problemas. Neste processo de embate, que se torna o terreno da imprensa, o vício pelo jogo estará vinculado às pessoas pobres, que freqüentavam espeluncas, que causava o adoecimento da cidade retirando suas forças⁹⁷.

Esta interpretação da cidade como um corpo é construída para justificar medidas saneadoras, para favorecer o projeto de progresso, retirando a responsabilidades sobre a expansão do jogo e da prostituição deste projeto de progresso que estava sendo implementado pelas elites. Interpretam as mazelas através de um dualismo, onde se cria um inimigo que deve ser combatido, porque empalhariam a doença social, como observamos nas linhas do texto do jornal *O Repórter*, ainda em 1948:

[...] Vimos este quadro que nos provocou engulho.
Isso é deprimente!
E pecado!
Encarece cada vez mais um repressão saneadora, severa, ponha termo a esta mazela social [...]”⁹⁸

⁹¹COMO SE JOGA EM UBERLÂNDIA. *O Repórter*, Uberlândia, 05 jul.1948.

⁹²Id. Ibid.

⁹³CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta; periodismo e vida urbana-1890e1915*. Op. Cit., p. 167.

⁹⁴COMO SE JOGA EM UBERLÂNDIA. *Jornal O Repórter*. Op. Cit.

minando a energia moça da cidade, levando-a ao descalabro moral e á inutilidade física [...]”⁹⁹.

A imprensa burguesa, que recebia apoio dos latifundiários, industriais e do Estado, tinha uma postura patriarcal, colocando-se no dever de educar, cuidar, das pessoas moradoras da periferia, investindo-se da posição de representante da justiça e moralidade para a cidade:

Como todos os militantes da boa imprensa, cabe nos dizer, sempre nos enquadramento dentro do setor de justiça, opondo nos com desprendimento as atitudes ou ações que venham de encontro ao bem estar coletivos.¹⁰⁰

Esta passa a trazer temas que são apresentados como de interesse da “coletividade”, com chamadas como, “*Como se joga em Uberlândia, altas horas da madrugada uma criança respirava o ar infecto de uma espelunca de jogo*”, “*Do espeto á braza, consta que foi interdito o jogo do “bicho” mas o Pif-Paf continua em ação*”. Mostram a questão do jogo, da prostituição, como espalhados por toda a cidade. Estes temas são apropriados e ganham significados conforme os valores dos grupos que os constituem como problemas. Neste processo de embate, que se torna o terreno da imprensa, o vício pelo jogo estará vinculado às pessoas pobres, que freqüentavam espeluncas, que causava o adoecimento da cidade retirando suas forças¹⁰¹.

Esta interpretação da cidade como um corpo é construída para justificar medidas saneadoras, para favorecer o projeto de progresso, retirando a responsabilidades sobre a expansão do jogo e da prostituição deste projeto de progresso que estava sendo implementado pelas elites. Interpretam as mazelas através de um dualismo, onde se cria um inimigo que deve ser combatido, porque empalhariam a doença social, como observamos nas linhas do texto do jornal *O Repórter*, ainda em 1948:

[...] Vimos este quadro que nos provocou engulho.
Isso é deprimente!
E pecado!
Encarece cada vez mais um repressão saneadora, severa, ponha termo a esta mazela social [...]”¹⁰²

⁹¹COMO SE JOGA EM UBERLÂNDIA. *O Repórter*, Uberlândia, 05 jul.1948.

⁹²Id. Ibid.

⁹³CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta; periodismo e vida urbana-1890e1915*. Op. Cit., p. 167.

⁹⁴COMO SE JOGA EM UBERLÂNDIA. *Jornal O Repórter*. Op. Cit.

No entanto, apesar da disputa, que se evidencia na cidade em torno de algumas questões, o autor Júlio César traz certa harmonia entre as classes sociais, mostrando que, em certos momentos, negros, pobres e membros da burguesia podiam compor o mesmo espaço social. Mas insisto em pensar que estes grupos buscavam reafirmar a diferença e a desigualdade entre si. Quando se criam locais, os quais negros e pobres, só podem frequentar a trabalho, apesar de estarem no mesmo bairro ou espaço geográfico, é preciso considerar que estes locais estão divididos socialmente, como o restante dos espaços coletivos, com seus bares, festas, clubes, cinemas e até mesmo as ruas, ganhando relevantes significados de desigualdade dentro do processo de embate social.

Além disso, devemos pensar que estes grupos pertencentes às classes hegemônicas na cidade, ao frequentar a periferia, por exemplo, buscavam não o relacionamento com os vários agentes sociais das vilas para onde os prostíbulos foram deslocados, mas o prazer, na forma de objetos que podiam consumir.

Apesar do autor, durante seu trabalho, ter tecido uma análise para demonstrar o processo de desigualdade social que estava se formando na cidade de Uberlândia, em alguns pontos, apresenta certa harmonia para o conjunto social, quando mostra que o fato de os vários agentes sociais estarem juntos no mesmo espaço significaria avanço nas relações sociais:

Haja vista que, a partir de então, passavam a frequentar aqueles territórios, junto, com os negros e brancos pobres, diversos homens e rapazes da classe média e da burguesia uberlandenses, que para lá se dirigiam em busca de diversão ao lado de meninas de treze e quatorze anos¹⁰³.

Pensando no significado dos vários locais de lazer, penso que o fato de vários agentes sociais estarem no mesmo lugar e não terem acesso de maneira igual aos clubes, boates, cassinos, festas, cinemas e ruas da cidade, expressa uma disciplina social que deve ser internalizada pelos membros das classes não hegemônicas, para que percebam seu lugar dentro da sociedade que se organizava.

Em Uberlândia, estes locais passaram a ganhar novos significados, principalmente os bares da periferia. Como continham representações sociais das camadas populares, como danças, músicas, debates políticos, passam a ser alvos de perseguição por forças coercitivas do governo, que eram representados pela imagem da cavalaria, que traria a

⁹⁵OLIVEIRA, Julio Cesar de. Op. Cit. p. 97.

“moralização”, como percebemos na entrevista do Sr. João Batista Azevedo, trabalhador da construção civil e integrante de terno de Congado em Uberlândia:

Sr. João - Tinha a cavalaria aqui. Nossa! Dava nove hora, eles começava na rua. Tinha cinco, seis cavalos pra cada lado. Aí, onde encontravam um na rua, começavam a pancada; aí, não queriam olhar documento, não queriam olhar nada! Aí, pegando a pessoa e batendo, principalmente se fosse preto.

Mário – Então, era... [interrompido pelo entrevistado].

Sr. João - Era feio! Minha avó morava de parêa de um salão chamado Josibar. É, o murinho era baixinho, um pouco mais de metro de altura na frente. Era mais ou menos umas nove horas da noite, cheguei no muro, lá, pra ver o movimento, né, e a cavalaria chegou lá: “- O que tá fazendo aí?!” Eu: “- Tô na casa da minha avô”. “- Passa pra fora!”...Só porque eu estava encostado no muro, não tava de fora, tava de dentro, eles queriam bater já [...]”¹⁰⁴

Através da entrevista do Senhor João, podemos perceber que os bares das áreas periféricas, já que este fato acontece na Vila Martins, eram vistos como lugares de ócio e furto, que deveriam ser combatidos pela força policial, já que estas condutas eram vistas de maneira negativa, para o bom funcionamento do corpo social. Pensando na perspectiva do autor Barreiro, estes locais são ricos em oralidade, musica, debate político. Mas, por se tratarem de valores construídos pelas classes não hegemônicas, eram combatidos de forma agressiva pelas forças do Estado, trazendo para a população pobre e negra a possibilidade de serem agredidas ou até mortas, ao freqüentarem bares das periferias. Veremos que os bares centrais construíam significados referentes a valores, que legitimavam a ordem vigente¹⁰⁵.

Quando o Senhor João afirma que, ao freqüentar os bares da periferia, poderia ser espancado ou até morto, sua revelação é representativa. Através desta entrevista, podemos perceber que a possibilidade de ser agredido ou até morto estava tanto no real quanto no imaginário da população pobre. Para colaborar para com nossa análise, o autor Alexandro Portelli nos auxilia a pensar sobre a maneira como a fonte oral nos ajudar a trazer questões de possibilidade para o contexto social.

Ao me referir ao Senhor João como representativo, não estou pensando no Senhor João como a média dos pensamentos de sua época, mas trazendo não só o que aconteceu

⁹⁶Azevedo, JOÃO Batista. *Entrevista*. Op. cit.

⁹⁷Para o entendimento das questões, recorro a Raymond Williams, quando propõe que, no processo de constituição de hegemonia, “não existe apenas passivamente como forma de dominação. Tem de ser renovada continuamente, recriada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra-hegemonia e hegemonia alternativa, que são elementos reais e persistente da prática...”. WILLIAMS, Raymond. *Hegemonia*. In: *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987, p. 115-116.

com ele, como a possibilidade de acontecer com outras pessoas, o que significa uma experiência compartilhada socialmente¹⁰⁶.

Nesta perspectiva, as ruas da cidade serviam para reafirmar a ordem social que buscava fazer internalizar a disciplina, mantendo certa parte da população à margem das decisões sobre o destino da cidade. Assim, podemos pensar sobre como a prática do *footing* pode trazer evidências para a experiência de segregação, como vimos na entrevista da senhora Algeniria de Paula Calazans, conhecida como Dona Fiica, no *Projeto Depoimento*. Para Dona Fiica, a prática do *footing* se baseava na sociabilidade das pessoas que ficavam andando na Rua Afonso Pena, no centro da cidade.

Para a entrevistada, a prática de caminhar na rua tinha vários objetivos, homens negociando, pessoas em busca de namoradas, embora ela preferisse ficar sentada na praça, pois fala que já era casada:

Eu não fui naquilo não. Assim... eu nunca era de andar. Eu ficava mais sentada ali na praça, né? Mais vinha, moços combinavam de encontrar ali, e, os namorados e vinha junto. Aquilo horas e horas, sabe, até... até quem não ia pro cinema até a hora de voltar pra casa. Aquilo era ... e é cheinho sabe, era um movimento muito bonito. Outros ficava sentado na praça. Sempre eu ficava sentada na praça. Andar nunca. Já era casada assim nunca ... andei não [...] ¹⁰⁷.

Esta fala da Dona Fiica nos auxilia a pensar o movimento de sociabilidade, que separa a hora de início do filme. Ao lado de sua amiga Lurdinha, durante a entrevista, ajuda a perceber que o processo de disputa social, que podemos verificar nos bares, clubes e nas casas noturnas, também estava presente na prática do „footing“:

[...[Não era, Lurdinha?(as duas falam ao mesmo tempo). Do lado do cinema passava uns, agora do lado de cá era outras pessoas, né, num sei, mais simples [...] ¹⁰⁸.

⁹⁸Nas reflexões do autor Alessandro Portelli, encontramos a experiência do escravo Frederick Douglas, que mostra um horizonte de possibilidades todos os escravos poderem serem agredidos, por trás de uma estatística que apresenta um índice de 0,7 por cento de escravos chicoteados, construindo comportamento e expectativas de todos os demais: “*Portanto, a palavra chave-chave aqui é possibilidade. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas*”. PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 2, 1996, p.70.

⁹⁹CALAZANS, Algeníbia de Paula. *Projeto Depoimento*. Arquivo Público Municipal. Uberlândia. Entrevista, 28 jun. 1990, p. 20.

⁹⁹Id., p. 61.

¹⁰⁰Id., p. 20.

Mas, em sua fala, o fato da segregação social aparece de forma natural, mostrando que a internalização da disciplina, da ordem social que estava sendo imposta, trazia a naturalização da divisão social, as pessoas passam a ver como algo normal, não poderem todos andar livremente, no mesmo lado da rua:

[...] Hein? Dum lado assim, tinha umas pessoas que eu num lembro que eu falava assim ... Não. Nós não andamos daqui. Andamos de cá. Parece que andava gente mais simples, mais humilde,[...] que andava mais por aqui, assim [...]¹⁰⁹.

Para a entrevistada, ninguém mandava os negros e os pobres andarem do outro lado da rua. Para ela, talvez essas pessoas mais humildes se sentissem melhor quando separadas, mas, conforme caminhamos com a reflexão sobre a cidade de Uberlândia, podemos afirmar que a ordem social que estava sendo estabelecida impunha-se como hegemônica também com estes costume internalizados de todos não poderem andar na mesma calçada.

Este fato, apesar de naturalizado pela entrevistada, era algo que mostrava como as classes hegemônicas buscavam reafirmar a disputa social, para manter as “camadas populares” fora das decisões políticas, sociais, econômicas e culturais referentes à cidade de Uberlândia:

[...] Num é que ninguém mandou. Acho que é eles mesmo que se sentiram bem. Porque eu já conheci assim, né. Vi aquilo, pensei que... continuou aquilo. Nunca procurei, num assim, não aprofundi direitinho se foi estabelecido aquilo, por alguém ou, ou se foi eles mesmos que se sentiram melhor assim, Num sei [...]¹¹⁰.

Outros autores trazem a prática do *footing* como sinal do conflito latente, entre os agentes sociais de Uberlândia. Newton Dângelo, em sua tese doutoramento, traz a entrevista de Maurício de Freitas, um “ex- puxador” de sambas-enredos de escolas de samba e comerciante, que descreve a prática do *footing*:

[...] Mauricio - “...Tinha a praça Tubal Vilela que tinha o vai-e-vem. Desse lado daqui passava preto. Esse lado aqui passava branco. Quer dizer... Não

¹⁰¹Id., p. 21.

¹⁰²Id. Ibid.

isso aí foi mais ou menos 60. Nos anos 60. Deve ter terminado em 67 por aí, até essa época ainda tinha...”¹¹¹.

Mas a simbologia do embate social não estava presente apenas na rua, com o „footing“, como já foi visto, dentro do próprio cinema, a divisão dos assentos trazia o contexto social que buscava internalizar a ordem social, que cada indivíduo teria o seu lugar.

Os cinemas tinham sua estrutura que lembrava um “poleiro”, onde as “camadas populares” deveriam se assentar na parte de cima, enquanto as grupos hegemônicos se acomodavam na parte de baixo. Esta distribuição social está representada na estrutura física do cinema, que podemos observar na foto do Cine Teatro de Uberlândia, de 1937:



Foto 6
Cine Teatro Uberlândia¹¹².

Nesta foto, o enquadramento mostra que o cinema era constituído em dois patamares, que representaria uma divisão social, pois, em cima, sentariam os negros e pobres, e, nas cadeiras da partes de baixo, as “Famílias Uberlandenses”. Além disso, através da foto, podemos ver o modo das pessoas se trajarem como símbolo de uma

¹⁰³DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio, Uberlândia. 1939/1970*. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001, p. 194.

¹⁰⁴Cine Teatro Uberlândia, proprietário: Aníbal Saglia. Ver: COLEÇÃO JOÃO QUITUBA. Série Fotografias. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

“moralidade”, que estava também ganhando significado dentro dos cinemas, pois, no enquadramento, percebemos homens e jovens com ternos, mulheres de vestidos longos e crianças com roupas elegantes, demonstrando o poder econômico dessas pessoas.

Podemos perceber que, apesar do cinema ser freqüentado por vários agentes sociais, isto não garantia a igualdade social entre os freqüentadores.

Esta questão já estava presente pelos freqüentadores da zona boemia. No mesmo bairro ou vila, encontravam-se vários agentes sociais, negros, pobres, jovens burgueses, mas não se misturavam nos locais de lazer, pois havia locais para cada grupo social.

A entrevista da senhora Maria de Jesus Castorina expõe como o ambiente de lazer, representado pelo cinema, estava sendo elaborado socialmente.

[...] E dizer que antigamente, é, de um lado, isso, eu não sou daqui de Uberlândia, mas de um lado passa o.... os brancos, do outro... do outro lado [...]

C.M.J. - Do lado debaixo da avenida.

M.J.O. - Os... os negros e os pobres...

C.M.J. - Do lado de cima, passava os pobres, os pretos passava tudo no lado de cima, passeava ao lado de cima. Um fazia vai-e-vem do lado de cima...

(Maria José conversa com ... , mas não dá para).

C.M.J. - ... até a hora de entrar ao cinema. Entrar no cinema tinha a galeria assim, de cima, que a gente entrava, que era as cadeira, era assim como essa de madeira, assim. E tinha as outras cadeiras de palhinha, tudo lá embaixo, aonde sentava o...

M.J.O. - ... Quem sentava em cima?

Só os pobres.

C.M.J. - ... Só os pobres

C.M.J. - Só os pobre

M.J.O. - Isso era pobre/

C.M.J. - É, era pobre.

M.J.O. - Embaixo?

C.M.J. - Embaixo era os rico, né?¹¹³

Podemos perceber, através dessa entrevista, que Uberlândia estava num processo de disputa socialmente, este processo se expressava nas estruturas dos lugares de lazer, e novamente observamos como se este internalizava, nas camadas populares, uma ordem que , de certa forma, era vista de maneira natural para aquela sociedade: “:...Ah! Diferenciava porque a gente sabia que ali não era lugar da gente e não ia lá...”¹¹⁴.

¹⁰⁵CASTORINA, Maria de Jesus. *Projeto Depoimento*. Op. Cit. p. 36.

¹⁰⁶Id., p.61.

Capítulo 3

Em busca do direito ao espaço

3.1. Indícios de processo de resistência

Procurei, durante o trabalho, mostrar a conjuntura social que estava sendo construída, desde década de 1920, onde famílias que detinham poder econômico e político, procuravam reelaborar costumes, valores, sentimentos, buscavam desenvolver projetos de progresso para a cidade. Mas, conforme foi visto, os projetos elaborados pelos grupos hegemônicos não contemplavam a participação das “camadas populares”.

Quando penso em elites, estou considerando as classes sociais que estavam articulando o projeto de desenvolvimento da cidade, dentre elas, estão os grupos econômicos ligados ao latifundiário, ao comércio, à imprensa, as “Famílias Uberlandenses” e os membros da política.

Apesar destes terem tentado impor o projeto de progresso, através da tentativa de internalizar uma ordem social, afirmando como natural para as camadas populares a sua atuação como protagonista secundário do processo desenvolvimento da cidade.

Nesta perspectiva, podemos ver que os espaços sociais estão marcados com relações de conflito, a autora Déa Ribeiro Fenelon nos orienta a pensar como as relações são “historicamente de dominação, cooptação ou consenso”, mas também podem ser de “insubordinação e resistência”.

A autora traz que a cidade não pode ser vista apenas como fruto de apenas um projeto urbanístico, mas que devemos também pensar a pluralidade de relações. Desta forma, pretendo demonstrar que, apesar dos grupos hegemônicos tentarem impor uma ordem social, as relações sociais estavam marcadas por uma pluralidade de interesses que compunham o tecido social, e muitas das vezes estas relações estavam marcadas pelo conflito ¹¹⁵.

Nesta perspectiva, de pensar o espaço urbano constituído de uma diversidade, onde os projetos sociais estão em constante disputa, devemos pensar de que forma os vários agentes sociais se posicionaram em relação à tentativa dos grupos hegemônicos de impor um projeto de progresso para a cidade de Uberlândia.

¹⁰⁷“Com isto, reafirmamos a idéia de que a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarado como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito que o simples espaço de manipulação do poder”. FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: *Cidades*. São Paulo: Olho D'Agua, 1999, p. 7.

Na década de 1920, as relações sociais em Uberlândia ainda estavam muito marcadas pela ação dos coronéis, que mantinham seu poder baseado no poder econômico e na utilização da força, mesmo assim, como já foi dito, havia disputas políticas em torno dos projetos para desenvolver a cidade de Uberlândia.

Contudo, devemos pensar que, até neste contexto dos coronéis, as “camadas populares”, de alguma forma, buscavam se posicionar, mesmo que não fosse de forma organizada, devido à política da violência que os coronéis programavam, buscando resolver as diferenças na bala.

A entrevista de Joaquim Carneiro apresenta indícios de que havia certa rejeição ao “projeto de progresso” que estava sendo imposto. Devemos perceber quando o entrevistado fala, por exemplo, que seu pai levou um abaixo-assinado para mudar o nome da cidade, que nem todos os populares gostaram, mas assinaram apenas para servir a seu pai:

R.M.P. - E as pessoas, os populares, quê que eles achavam dessa mudança de nome?

J.C. - Não, o, uns não gostavam, mas era o meu pai que estava pedindo pra fa..., assinava, não é, Mas muita gente assinavam mais para servi-lo.¹¹⁶

Podemos pensar que, nas entrelinhas desta fala, aquela sociedade estava marcada por disputas. Apesar de não expressar uma reação organizada, o fato de um membro da elite admitir que nem todos aceitavam de boa vontade as mudanças impostas, traz, de certa forma, uma resistência popular, mesmo que tímida, mas que devemos levar em consideração em face do modo como funcionava o sistema do coronelismo.

Embora as reações tenham começado paulatinamente, com o passar do tempo, foram ganhado volume. Pensando na perspectiva da autora Déa Fenelon, o ato de insubordinação sendo caracterizado como resistência social, pode se pensar que, durante o golpe de 1930, as “camadas populares” se viam como estranhas ao processo que se dizia revolucionário, mostrando certo distanciamento daqueles ideais que traziam a imagem popular para o movimento. Segundo Karina Barbosa Novais, a população em geral não se via contemplada nos “ideais” da revolução:

A adesão popular se dava sob a pressão do Comando Revolucionário, dirigido pelo Capitão José Persilva, que não solicitava, mas exigia a participação popular mediante o uso de ameaças. A coerção á população pode

¹⁰⁸CARNEIRO, Joaquim. *Projeto Depoimento*. Op. Cit., p. 17.

ser observada nas ameaças aos desertores e no reconhecimento de armas e munições por meio intimações...¹¹⁷

A autora traz um trecho do edital onde o Major José Persivaldo ameaça a população que não participar da luta em favor dos interesses do grupo hegemônico. Com isso, percebemos que, de certa forma, a população poderia se manter afastada mesmo contrária àquele falando mal daquele movimento, o que pode ser caracterizado como forma de resistência, que provoca a organização de um aparato de coerção disposto a agir.

[...] com o máximo rigor contra aqueles indivíduos que [...] se portarem de maneira inconveniente, agindo ou falando, para com o governo revolucionário, as suas atitudes, os seus próprios homens [...]. Mandará prende-lo onde quer que forem encontrados praticando a vilania do impatrontismo e da desordem neste augusto momento em que estão em jogo os destinos da Pátria [...]¹¹⁸

Podemos pensar aqui que a recusa de participar do movimento político contra o governo federal pode ser considerada uma forma de resistência aos grupos que buscavam impor seu projeto político e social para a cidade. Na entrevista da senhora Calábria fica nítido que a população estava indiferente ao movimento, obeservando-se participação popular apenas devido à coerção:

O fato interessante que aconteceu com os camponeses que vinham, é que ali naquela praça do Ginásio é onde eles... ali não tinha nada, não tinha jardim, não tinha nada, então eles faziam exercício era ali. E nós “achava” graça demais, né, porque o povo brasileiro tem uma camada que cresce, mas não aprende nada, assim, não tem-se oportunidade de aprender, de ir pra escola, então eles não sabem nem o que é pé esquerdo, o que que é pé direito [...]

[...] os soldados resolveram pegar as palhas de milho e amarrar no pé direito das pessoas, amarrava no dedão, aquelas palhas, eles ficavam descalços, não é? Aí quando ele falava assim: “Á direita, volver com o pé da palhinha”¹¹⁹

Podemos perceber, no modo como a entrevistada relata o treinamento militar, que a população que assistia ao treinamento se via indiferente ao movimento, achando até graça da preparação. Em sua fala, a entrevistada expressa que a população necessitava de educação e não da participação em uma guerra que não contemplava as necessidades

¹⁰⁹NOVAIS, Karina Barbosa. Op. Cit, p. 48.

¹¹⁰Idem, p. 49.

¹¹¹CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimento*. Op. Cit., p. 13.

populares. Nesta perspectiva, observamos a necessidade da coerção para garantir a participação do povo.

Na década de 1930, as relações em Uberlândia se tornam mais complexas, devido às mudanças políticas, econômicas e culturais. Esta conjuntura social faz com que pessoas ou grupos, que tinham interesses em comuns, devido às suas experiências de vida, passem a se identificar. Devido às péssimas condições de moradias (vilas, locais onde faltava: asfalto, iluminação, creches, telefones públicos, feiras), à falta de assistência médica (mesmo a omissão de atendimento), à segregação política (pois não havia eleições), à segregação social nos locais de lazer (bares, clubes, cinema, ruas) os trabalhadores vão constituindo formas de identificação e de ocupação de espaços na cidade. Esta dinâmica social faz com que grupos como de motoristas, professores, donas de casas, moradoras das vilas, empregadas domésticas, membros de associações, com ideais comunistas ou não apesar de aparentemente diferentes, passam a se identificar dentro do processo histórico da época, como uma classe de trabalhadores, na perspectiva do que indica E. P. Thompson, em seu “autofazer-se”, dentro do fluxo das relações sociais¹²⁰.

Nesta perspectiva do “fazer-se” classe a partir das relações, estes grupos de trabalhadores de Uberlândia (ferroviários, motoristas, moradores das vilas, trabalhadores do comércio, empregadas domésticas), que eram aparentemente diferentes, buscavam seus interesses comuns, a partir de toda aquela conjuntura de exploração tanto física quanto moral.

Neste movimento histórico, onde a classe dos trabalhadores esta sendo elaborada, também se dará em relação à consciência de classe. Segundo Thompson: “*A consciência de Classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais*”¹²¹.

Penso que, em Uberlândia, a classe trabalhadora estava constituindo sua consciência de classe através dos termos culturais que estavam “encarnados” nas

¹²²“A Classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiência comuns(herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujas interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente”. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Op. Cit. ,v. 1, p.10.

¹²³Id. Ibid..

instituições que simbolizavam a relação entre luta e resistência, como: movimento comunista, União Feminina, Circulo Operário Cristão de Uberlândia ¹²².

Além dessas instituições, os valores, os ideais também estavam numa relação de luta, de disputa, de resistência, nos clubes, nos bares, nas ruas e nos cinemas em Uberlândia. Esta relação de constituição da consciência de classe dos trabalhadores através da cultura está evidente, por exemplo, nos clubes para negros, que se organizavam em forma de resistência, de valores que estavam sendo incorporados e refeitos na conjuntura social, para ganharem significados pelos grupos de trabalhadores (negros e pobres), que se viam marginalizados dentro da hierarquia social simbolizada pelos clubes restritos a brancos.

Não estou pensando na sociedade dividida em duas classes, onde a classe é cristalizada como categoria, para se opor, na luta, uma contra outra, mas classe em seu “autofazer-se” na experiências da relações humanas, onde grupos que aparentemente são diferentes, se identificam. Segundo Thompson, “*as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha*”¹²³. Mas havia grupos de trabalhadores (ferroviários, motoristas, empregadas domésticas, moradores de vilas), que, dentro de um processo de exploração devido às relações concretas vividas no trabalho e na cidade, buscavam congregar interesses, em relação a moradias, salários, condições de trabalho, assistência médica, relações de lazer, e que se opunham a outros grupos constituídos: empresários, ruralistas, políticos, funcionários públicos (delegados, promotores, juizes de direito), que buscavam, no processo histórico, a hegemonia “*complexa combinação de forças políticas, sociais e culturais*”¹²⁴.

Esta conjuntura social estava em movimento devido ao processo dos grupos: de lutas, “expropriação”, “apropriação”, “submissão”, com a “cultura vivida” ¹²⁵. Formam-se grupos com membros da sociedade que pensam o desenvolvimento da cidade com

¹²⁴“A questão é que não podemos falar de classe sem as pessoas, diante de outros grupos, por meio de um processo de luta (o que compreende uma luta em nível cultural), entrem em relação e em oposição sob uma forma classista”. THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000, p. 275.

¹²⁵Id. p. 274.

¹²⁶WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. Op. Cit., p. 111.

¹²⁷“A classe se delineia segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de suas relações sociais” ,com a cultura e as expectativas e eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas expectativas”. THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. Cit., p. 277.

outros ideais, e não mais onde a população esteja afastada das práticas e dos benefícios da política, mas que façam parte do contexto dos projetos sociais.

O movimento comunista, que era constituído por intelectuais, dentre eles professores, por exemplo, passa a influenciar o ambiente estudantil, que questiona a ordem em vigor, como observamos na entrevista de Olívia Calábria:

[...] que foi 30, 32 por ai essa efervescência política foi aumentando, então já havia passeata de estudantes, eu participava, já havia distribuição de livros entre os estudantes sobre o comunismo [...]¹²⁶.

Estes grupos de intelectuais passam a se reunir em um cinema próximo da prefeitura, onde procuram, através de palestras, conscientizar os trabalhadores.

Esta posição do movimento comunista “levar” a consciência aos trabalhadores está expressa na entrevista de Dona Calábria, mas, durante minha pesquisa, pude perceber que a formação da classe trabalhadora estava relacionada ao movimento das experiências dos trabalhadores, dentro de um processo histórico, referente a uma época, onde grupos aparentemente distintos se identificavam. Dentre estes grupos, estava o movimento comunista, com seus integrantes, que se entrelaçavam a grupos de trabalhadores, que também contestavam as relações de produção. Nestas disputas com grupos de interesses opostos, os grupos se constituíam como classe de trabalhadores, pois, segundo Thompson, *classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real*.¹²⁷

Penso que os grupos comunistas estiveram presentes (nas greves de motoristas, de ferroviários, nos movimento da União Feminina), neste “processo histórico real”, mas não na concepção de trazer a consciência de classe, como uma categoria ou uma coisa, onde os grupos são encaixados. Pois esta expectativa, de trazer um ideal de consciência, onde poucos poderiam contemplar, para ser divulgado entre os trabalhadores, para Thompson, é um sonho de alguns intelectuais: “*Os intelectuais sonham amiúde com uma classe que seja como uma motocicleta cujo assento esteja vazio. Saltando sobre ele, assumem a direção, pois têm a verdadeira teoria...*”¹²⁸.

Apesar dos grupos comunistas, de acordo com a fala de Dona Calábria, terem a pretensão de conduzir os trabalhadores, durante minha pesquisa, percebi que a classe se

¹¹⁸CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimento*. Op. Cit., p. 16.

¹¹⁹THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. Cit., p. 274.

¹²⁰Id., p. 281.

“autofazia” dentro do “processo histórico real”, onde os comunistas não estavam fora, pois participaram ativamente nas relações humanas de Uberlândia, mas era mais um grupo que congregava interesses para formar uma identidade de classe. Vejamos como Olivia Calábria se reportava à organização dessa relação entre o movimento comunista e o os trabalhadores:

[...] transformou-se num salão muito grande, então ali é que nos fazíamos as reuniões dos trabalhadores. E algumas pessoas sabiam que era, muita tagarela e eles falavam: “Olivia é que tá boa pra isso”, né. E eu tinha amizade com eles. Então eles fizeram um discurso escrito para mim ler no movimento. Reunia, né, eu freqüentava as assembléias dos trabalhadores. Então, quando foi no dia pra mim ler o discurso, a polícia embargou, então teve mais trabalhador [...] ¹²⁹.

Podemos entender, através da entrevista de Dona Calábria, que, apesar da tentativa de impor uma ordem social, os membros da sociedade começam a ser organizar e buscar uma nova conjuntura social, onde os trabalhadores possam ter condições de vida melhores, que não morram por falta de assistência médica, como a entrevistada relata.

Mas, ao mesmo tempo, também percebemos na fala da entrevistada, que o movimento operário não pôde continuar se reunindo por muito tempo, devido à conjuntura nacional. Com a implantação do Governo Vargas, com a política do Estado Novo, os ideais comunistas passaram a ser perseguidos, fazendo com que o movimento operário, de que a Dona Calábria participava, fosse posto na ilegalidade. Para a entrevistada, o período mais sério da repressão se deu de 1937 a 1940.

As pessoas que se inspiravam nos ideais comunistas passaram a ser organizar, para as trocas de livros, debates sobre a doutrina, de forma clandestina, temendo a reação do governo. E, mesmo na clandestinidade, buscavam divulgar as concepções comunistas pela cidade, segundo Olivia Calábria:

[...] Que eu formei em 37, de 35 a 37 foi uma pressão muito brava. Então eles me emprestavam os livros para mim ler eu pegava esses livros e andava na rua com eles. Aí então eles me chamavam a atenção, né, os professores falava assim. “Você não pode andar com esses livros, assim, porque a polícia pode ver, te pegar e te prender.” ¹³⁰

Do mesmo modo, podemos perceber ainda que trazer novas possibilidades de organização social seria perigoso, pois também havia a articulação entre o Estado e a

¹²¹CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimento. Op. Cit.*, p. 16.

¹²²Id., p. 18.

imprensa local (jornal *Correio de Uberlândia* e jornal *O Repórter*), para coibir, a difusão dos ideais comunistas. O Estado buscava trazer a repressão através do aparato policial, mas a imprensa dos grupos hegemônicos semeava no imaginário a visão negativa em relação ao comunismo, como assinala Olivia Calábria:

[...] avisou aos interessados que estas comemorações por contrários ao regime vigente e por declaradas já fora da lei não poderia ser realizadas [...] Antes, porem, organizarem pequena passeata, que, da praça Raul Sócrates, passando pela rua Olegário Maciel, deu motivo a que os adeptos do credo vermelho continuassem suas manifestações de louvor à Rússia e de ataque ao nosso governo e as nossas instituições. Advertidos mais uma vez pelo Cap. João Martins Pereira, os comunistas, mais ou menos às 20 horas, dissolveram sua improvisada passeata [...] ¹³¹.

A entrevistada traz diversos nomes de pessoas que estavam engajadas no movimento comunista, dentre estes nomes estão Mário Porto, Nelson Porto, doutor Mário Faria e outros ¹³².

Podemos perceber que muitos dos membros do partido comunista, estavam ligados à educação, fazendo do colégio Liceu um irradiador dos projetos comunistas para a sociedade, através dos alunos.

Não demorou a reação dos “Uberlandenses”, que retiraram o professor Mário Porto, de seu cargo da cadeira de História da Civilização, do colégio Liceu. Esta notícia foi trazida ao público pelo jornal *O Repórter*, de 14 de julho de 1935:

[...] afastamento do Dr Mário Porto da cadeira de história da Civilização, matéria que, de maneira magistral, vinha ministrando [...] ¹³³.

Mas este fato fez com que os alunos se reunissem numa passeata, para se manifestar contra a ordem vigente, a favor do Professor Mário Porto. Através dessa saída dos estudantes à rua, podemos ver o nível efervescência social que Uberlândia se encontrava.

¹²³ AS COMEMORAÇÕES da data soviética em Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 8 nov.1948.

¹²⁴ CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimento*. Op. Cit, p. 18.

¹²⁵ MANIFESTAÇÃO. *O Repórter*, Uberlândia, 14 jun.1935.

3.2. Construções do espaço popular na cidade

Nesta sociedade, onde diversos agentes sociais buscam disputar a ordem vigente, grupos de trabalhadores passam a se identificar, formando o Circulo Operário Cristão, que tinha como objetivo levar os trabalhadores a uma maior participação na vida social do Estado e do país, como está relatado no regulamento do 1º Congresso de Rainha dos Trabalhadores Cristãos de Minas Gerais:

[...] A principal finalidade do Concurso de Rainha dos Trabalhadores Cristãos de Minas Gerais, é a de levar aos trabalhadores uma promoção social, na qual este participe, firmando cada vez mais, sua presença na vida social do Estado e do país [...] ¹³⁴

Devemos observar que a conjuntura social de Uberlândia estava sendo marcada por disputas, de grupos hegemônicos - latifundiários, fazendeiros, políticos, servidores públicos (delegados, juizes direitos) -, que buscavam elaborar valores, tradições e ideais, que legitimaria uma hierarquia social, a vigente ordem, marcada pela exploração e pela opressão dos trabalhadores, referente a política, economia e a cultura. Dentre os principais valores construídos dentro “do terreno” da cultura, está o “Uberlandense”.

Em oposição, grupos de trabalhadores, de diversos meios de produção, com armazéns, cooperativas, bancos, indústria, comércio, apesar de serem também aparentemente diferentes, no “processo histórico real” se identificam, em oposição àquele grupo hegemônico. Neste processo, os trabalhadores se construíam enquanto classe, reafirmando valores, costumes e ideais representativos para seus grupos, não formando um cultura pura, referente aos trabalhadores, mas um movimento cultural, onde valores estão “apropriados” e “refeitos”, como analisa Thompson: “... *Classe traz a noção relação histórica e algo fluido, não pode ser mobilizado em uma estrutura, não e algo puro, mas precisa estar encarnado em pessoas e contextos reais*”¹³⁵.

¹²⁶Regulamento do 1º Congresso de Rainha dos Trabalhadores Cristãos e Minas Gerais. S/D. No entanto, apesar deste regulamento não estar datado, há uma reportagem do jornal *Correio de Uberlândia*, do dia 19 de Junho de 1951, que traz em parte o regulamento do primeiro Congresso para a escolha da Rainha dos trabalhadores, esta matéria tem como título “A escolha da Rainha dos Empregados do Comercio e da Industria de Uberlândia”. CIRCULO OPERÁRIO CRISTÃO DE MINAS GERAIS. Correspondências. Acervo; Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

¹²⁷THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Op. Cit., v. 1, p. 10.

A eleição da rainha simbolizava a criação de valores, que constituiria os trabalhadores como classe, pois, para a moça ser candidata ao posto, não precisava ser uma associada, mas teria de ser convidada por um associado. Trata-se de um processo de legitimação: esta moça apresentaria os valores que os trabalhadores adquiriram através das suas experiências, valores que devem ser essenciais para ser representativo ao grupo. Dessa forma, não foram os ideais cristãos, por si, que constituíram os trabalhadores como classe, mas suas experiências ¹³⁶.

Isto pode ser visto no Artigo Segundo do Regulamento para a escolha da rainha do Círculo Operário de Minas Gerais:

Não se faz necessário que a jovem concorrente seja circulista, bastando apenas que esta seja apresentada, no ato da inscrição, por um circulista, como condição essencial.. ¹³⁷

Quando afirmo que os Circulistas de Uberlândia estavam dentro da dinâmica social, “autofazendo” uma identidade de classe de trabalhadores, não vejo como uma cultura pura, mas dentro de um movimento cultural, onde valores são reelaborados, tanto do cristianismo quanto dos “benfeitores”, que aparecem em cartas de pedido de doações.

“Os valores coletivos” constituídos pelos trabalhadores vinculados ao C.O.C.U, eram disseminados pela sociedade, distinguindo a classe de trabalhadores. Thompson nos ajuda a pensar estes valores coletivos, através das sociedades de auxílio mútuo, que seriam locais de propagação de experiência:

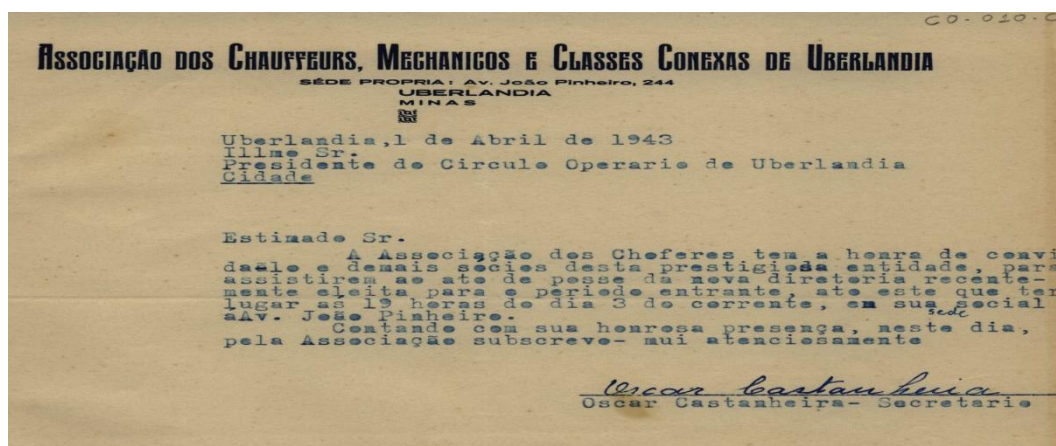
Os valores coletivos eram defendidos conscientemente, sendo propagados na teoria política, no cerimonial dos sindicatos e na retórica moral. Esta autoconsciência coletiva, associada a teorias, instituições, normas disciplinares e valores comunitários correspondentes, é o que realmente distingue a classe operária do século 19. ¹³⁸

¹²⁸“A comunidade da classe operária do princípio do século 19 não foi um produto do paternalismo ou do Metodismo, mas principalmente do empenho consciente dos próprios trabalhadores”. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Op. Cit., v. 2, p. 310.

¹²⁹Regulamento do 1º Congresso de Rainha dos Trabalhadores Cristãos e Minas Gerais. S/D. No entanto, apesar deste regulamento não estar datado, há uma reportagem do jornal *Correio de Uberlândia*, do dia 19 de Junho de 1951, que traz em parte o regulamento do primeiro Congresso para a escolha da Rainha dos trabalhadores, esta matéria tem como título “A escolha da Rainha dos Empregados do Comercio e da Industria de Uberlândia”. CIRCULO OPERÁRIO CRISTÃO DE MINAS GERAIS. Correspondências. Acervo; Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

¹³⁰Idem, p.317.

Esta propagação dos valores está presente na interação das diversas associações e pode ser visto nas cartas do Círculo Operário Cristão de Uberlândia, como a carta abaixo, que convida para a posse da nova diretoria da Associação dos Choferes, Mecânicos e Classes Conexas de Uberlândia, em 1943:



Correspondência 1

Carta do Secretário da Associação dos Chouffeus, Mechanicos e Classes Conexas de Uberlândia convidando o Presidente do Círculo Operário de Uberlândia e demais associados para assistirem ao ato de posse da nova diretoria.
 1 abr. 1943¹³⁹

Estes “valores coletivos” referentes aos trabalhadores também estão presentes no Artigo Primeiro do Regulamento do primeiro 1º Congresso de Rainha dos Trabalhadores dos Cristãos de Minas Gerais:

O concurso será desligado das pretensões de beleza física das jovens participantes, mas de moral, intelectual, social e espiritual.¹⁴⁰

Os trabalhadores, devido às condições sociais que estavam vivenciando, salários ruins, moradias precárias, além da segregação dos lugares de lazer, buscavam criar sentimentos, valores que se oponha a ordem vigente, que colocavam os Uberlandenses como pessoas boas, honestas, puras, em oposição aos trabalhadores que seriam vistos dentro da hierarquia social como inferiores, então a reelaboração de valores será algo comum aos trabalhadores que buscavam romper com este modelo de marginalização.

¹³¹CIRCULO OPERÁRIO CRISTÃO DE MINAS GERAIS. Correspondências. Acervo; Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

¹³²Regulamento do 1º Congresso de Rainha dos Trabalhadores Cristãos e Minas Gerais. Op. Cit.

Dentre os movimentos que se destacaram como resistência e reivindicação na década de 1940, está o de greve dos trabalhadores do transporte. Quero trazer um pouco deste para que possamos pensar como os diversos grupos sociais estão se articulando dentro do “processo histórico real”.

Este piquete ocorreu em junho de 1948, com os motoristas, que tinham como reivindicações, de acordo com o que lemos no jornal *Correio de Uberlândia*:

[...] Livre transito de passageiros em caminhões, sem qualquer controle.
 Respeito á tabela de preços de combustíveis de acordo com o estabelecimento pelo conselho Nacional do Petróleo.
 Passagem a qualquer hora, de caminhões no posto fiscal da Ponte Afonso Pena.
 Construção e conservação de rodovias.
 Exploração do petróleo, afim de que com essa providência fiquemos emancipados da qualquer medida visando os prejudiciais racionamentos.
 Abolição do imposto cobrado pelo Estado de Goiás aos caminhões de Minas que transportam mercadorias entre um e outro Estado [...] ¹⁴¹.

Estas são algumas das reivindicações que os motoristas, através da sua associação, expunham para o governador de Minas Gerais, Dr. Milton Soares Campos, por meio de uma nota ao jornal *Correio de Uberlândia*. Ironicamente, esta nota tinha como título, “*Homenagem da Associação dos Condutores de Veículos Rodoviários de Uberlândia*”, mas, ao final da página, trazia todas as reivindicações.

Este movimento, não tendo suas exigências atendidas, decidiu optar pela greve, conseguindo mobilizar o apoio de grande parte da sociedade de Uberlândia, sendo amparado por: carroceiros, motoristas de ônibus urbano, choferes de praça, comerciantes, União Feminina. Todos estes grupos, apesar de aparentemente distanciados, se identificaram com a luta/resistência dos motoristas, como percebemos a partir da leitura de notícia publicada no jornal *Correio de Uberlândia*, de 02 de junho de 1948:

Os carroceiros, solidarizando se com os transportadores, também paralisaram o serviço, estando à cidade com todos os veículos imobilizados, desde que ontem os ônibus urbanos haviam deixados de correr. ¹⁴²

¹³³A CLASSE reivindica. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 4 mai.1948.

¹³⁴SEM SOLUÇÃO AINDA A GREVE DOS TRANSPORTADORES. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 2 jun. 1948.

Neste processo histórico, onde os trabalhadores, durante o movimento, se congregam como classe, que teria a mobilização de diversas associações, evidenciava-se a efervescência da conjuntura social, dos trabalhadores a resistirem à ordem vigente, como já se pode perceber jornal *Voz do Povo*, de dezembro de 1946:

[...] Os oficiais alfaiates e sapateiros e os similares já estão com a sua associação em funcionamento e removendo todos os obstáculos para o registro da mesma com Sindicato...

A associação Profissional dos Oficiais Alfaiates, e trabalhadores na Industria do Vestuário, sindicato em organização, já iniciou as suas atividades levando as reivindicações mais elementares [...] ¹⁴³

O jornal *Voz do Povo* tem evidências comunista é percebido em suas matérias com assuntos como, a visita de Luiz Carlos Prestes em Uberaba, a quantidade de votos que o Partido Comunista Brasileiro estava na expectativa de receber, além de preocupações a respeito da carestia que afetava os trabalhadores como o cambio negro. Este jornal se encontra no Arquivo Público de Uberlândia, há apenas um exemplar deve ser devido a sua posição de esquerda, mostrando a memória que foi privilegiada a ser conservada.

Nesta expectativa, o processo histórico em Uberlândia estava propício para os trabalhadores desenvolverem sua consciência enquanto classe, pois estava em constituição a identidade de diversos grupos: Alfaiates, Sapateiros, Motoristas, Ferroviários, Moradoras das Vilas (União Feminina).

Neste “processo histórico real”, a imprensa se constituirá como um território dinâmico de embate, pela formação do povo, de maneira correspondente ao processo analisado por Heloisa de Faria Cruz na cidade de São Paulo, no início do século XX:

[De modo a ...] Valorizar na prática social dos diversos grupos, construindo-se como um importante veículo de formulação e difusão dos imaginários sociais no período, no seu fazer-se a imprensa constitui um campo de disputa extremamente dinâmico de diferentes projetos sociais... ¹⁴⁴

Deste modo, os jornais *Correio de Uberlândia* e *O repórter*, dentro deste campo de disputa, se identificavam aos grupos que tinham um poder econômico, político e cultural na cidade de Uberlândia. Isto se mostra evidente na sua postura em relação à greve, para construir, no imaginário da população, que a mobilização fosse produto de poucos, como se, num momento de devaneio, algumas pessoas resolvessem parar a

¹⁴³MOVIMENTO SINDICAL. *Voz do Povo*, Uberlândia. 14 dez. 1946.

¹⁴⁴CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana. 1890 a 1915*. Op. Cit.

cidade. Procuram retirar, desta forma, o aspecto da coletividade da mobilização, onde diversos grupos de trabalhadores se identificavam, se opondo à exploração de outros grupos. Vejamos trecho de reportagem do Jornal *Correio de Uberlândia*, de 01 de julho de 1948:

Todos eram de acordo dizer que tudo fora obra de um momento, quando alguns resolveram tomar tal atitude e outros aderiram.¹⁴⁵

Por se tratar de uma imprensa com esses vínculos acima apontados, buscava trazer assuntos do cotidiano da população, mas na perspectiva de educar os indivíduos com certa moral e certos valores que estariam sendo apropriado pelos grupos dominantes. Isto pode ser percebido durante a reportagem “*Continua a greve dos transportadores*”, que não deixa de trazer notícias sobre a greve que estava na vivência dos trabalhadores de Uberlândia:

A cidade ficou completamente bloqueada por 24 horas consecutivas. Somente na ponte do Vau cerca de quatrocentos veículos estacionaram de ambos os lados, tornando impraticável qualquer tentativa de passagem.¹⁴⁶

Mas, observamos que, na estrutura da reportagem, são articulados valores que buscam construir, no imaginário, da população a greve de forma pejorativa:

A policia tomou todas as providencias necessárias para garantir a ordem na cidade, evitando excessos tão comuns nestas oportunidades.¹⁴⁷

Nesta perspectiva, grupos com destaque econômico, financeiro e político constroem, através dos jornais (*Correio de Uberlândia* e *O Repórter*), que os movimentos de mobilização dos trabalhadores necessitavam de uma intervenção policial para o bem dos próprios trabalhadores. A polícia, de maneira justa dentro dos padrões, traria a harmonia para esta anomalia:

Delegado especial, Cap. João Martins Pereira agiu com muita prudência e firmeza.¹⁴⁸

¹³⁷CONTINUA A GREVE DOS TRANSPORTADORES. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 1 jun.1948.

¹³⁸Id. Ibid.

¹³⁹Id. I bid.

¹⁴⁰Id. Ibid.

Esta imagem mostra os dirigentes da cidade como prestativos para atender os anseios dos trabalhadores, prontos para entrar em entendimento, principalmente o delegado especial, que, de tão habilidoso para conduzir as negociações, manda disparar, próximo aos trabalhadores que fechavam a ponte do Váu, uma rachada de metralhadora, trazendo, de certo modo, os termos da negociação:

As autoridades, logo que tomaram conhecimento do fato, procuraram entrar em entendimento com os grevistas¹⁴⁹.

Esta imprensa constrói valores. Isto fica evidente na forma como a mobilização de apoio ao movimento é escrita, trazendo palavras estrangeiras que soavam com certa harmonização:

Mais ou menos ao meio dia, também os Choferes de praça resolveram se solidarizar fazendo lock out. Deixaram os carros em casa, ficando na cidade.¹⁵⁰

Como estamos tratando de uma imprensa de caráter comercial, a estrutura da reportagem está também repleta de anúncios, sendo característica desta imprensa “populista” e evidencia dos veículos que se instituíam ali, como assinala Heloisa de Faria Cruz:

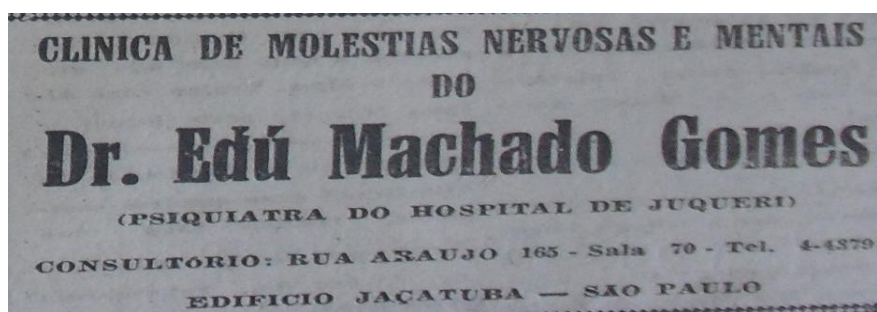
Através da propaganda, a cidade-mercado penetra a imprensa periódica, denotando a crescente fruição de bens e serviços nos espaço urbano. A firmando novos valores, renovando as formas de dizer de antigas propostas.¹⁵¹

Nesta perspectiva da propaganda como uma linguagem da notícia, penso que os anúncios escolhidos para compor as duas reportagens mencionadas tratavam sobre doenças do corpo humano, mas que poderiam ser relacionados às anomalias do corpo social:

¹⁴¹Id. Ibid.

¹⁴²Id. Ibid.

¹⁴³CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana. 1890 a 1915*. Op. Cit p. 159.



Propaganda 1

Clinicas de Moléstias Nervosas e Mentais
 Jornal *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 01 jun. 1948

Principalmente, este anúncio sobre a Clínica de Moléstias Nervosas e Mentais, pois estava compondo a notícia comentada anteriormente, “Continua a greve dos transportadores”. Nesta, a congregação dos trabalhadores aparece como sendo algo de momento, de algumas pessoas desequilibradas que, de uma hora para outra, decidem partir para a mobilização. Nesta perspectiva, a propagando comporia a imagem estereotipada dos participantes da greve.

Não se trata de formar uma imprensa culturalmente pura das classes dominantes, pois devemos compreender que, na dinâmica da disputa social, a imprensa será uma “via de duplo sentido”, onde valores estarão sendo “apropriados” e “expropriados”. Além do mais, a tentativa de assistencialismo para a formação do povo não estará apenas nos grupos dominantes, mas também em grupos comunistas, que buscavam constituir a identidade dos trabalhadores através da imprensa.

A entrevista de Dona Olívia Calábria colabora para pensarmos sobre a relação dos movimentos, na disputa social, e a forma como a imprensa burguesa trazia as notícias de greves. Na greve dos motoristas de 1948, os trabalhadores receberam apoio da União Feminina, que buscava mobilizar a sociedade com a doação de alimentos, mostrando que os movimentos sociais estavam em comunicação:

Nós da União Feminina não só levava solidariedade amiga de estar lá presente, ver o que eles estavam precisando como também levava paneladas enormes, tacho de comida. Nós saímos no comercio e conseguimos fardos de carne seca, latas de banha. O povo era tão...¹⁵²

As mulheres do movimento União Feminina saíam das vilas para mobilizar a sociedade, recolhendo mantimentos, mas também participavam das passeatas

¹⁵² CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimento*. Op. Cit. ,p. 30.

organizadas pelos motoristas, principalmente com o fim da greve, devido às reivindicações terem sido atendidas. Para a senhora Calábria, a cena era muito bonita, devido a passeata ter interrompido o trânsito, com um mundo de sombrinhas, devido ao sol quente. Desta maneira, ressalta a participação das mulheres na ocupação do espaço público de Uberlândia, ao lado dos trabalhadores:

[...] dizer que a organização das mulheres fazendo esse trabalho de solidariedade, ela saiu um pouco daquele ambiente de casa, não é? Era um movimento mais amplo, mais social, e vinha mulheres da Vila Operaria, da Vila Saraiva, de todo lado pra ir lá. Ficava aquele mundo de mulher com a sombrinhas aberta, porque o sol muito quente, ficava até bonito [...] ¹⁵³

As reportagens da época trazem que os movimentos de greve dos motoristas receberam apoio de diversos setores da sociedade, mas tanto o jornal *O Repórter* quanto o jornal *Correio de Uberlândia* não trazem nenhuma referencia da participação do movimento União Feminina na mobilização da população, nem na passeata de vitória do movimento.

Mas, através do dialogo entre as páginas desses jornais, a entrevista com Olivia Calábria e também a fotografia, analisados em conjunto, podemos compreender qual sentido da ocultação do movimento União Feminina nas matérias dos jornais que traziam a notícia da greve, pois estas “novas fontes” nos possibilitaram pensar quais as intenções da imprensa ao colocar as mulheres de fora, sendo que estão presentes tanto nas fotos quanto nas lembranças dos entrevistados. Esse diálogo é orientado por Déa Fenelon:

Certamente é preciso considerar que o uso de todos esses registros como “novas fontes” históricas a serem analisadas no colocam, de imediato, a consideração de que tal como fontes textuais, essas precisam ser desvendadas para delas extrair o, não dito, as entrelinhas e aquilo que potencialmente permite olhares e leituras diversas ¹⁵⁴.

Vejamos fotografia da passeata de 02 de julho de 1948, mencionada pela entrevistada Olivia Calábria:

¹⁴⁵CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimentos*. Op. Cit. ,p. 31.

¹⁴⁶FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa*. Op. Cit., p.77.



Foto 7
Greve dos motoristas
Gestão do prefeito José Fonseca. 1948¹⁵⁵.

Através do enquadramento do fotógrafo ao mostrar movimento de greve dos motoristas de Uberlândia, percebemos a presença maciça das mulheres, na parte central da fotografia, junto ao caminhão vemos mulheres de várias idades, com roupas simples em ralação ao modo como as pessoas se vestiam nos clubes, mostrando as condições sociais dos trabalhadores que se uniu em torno da greve.

A tendência de excluir a participação feminina do movimento pode estar ligada à imagem construída pela imprensa, de que o movimento de greve foi ordeiro, dentro dos padrões sociais, diminuindo o clima de tensão que mobilizou vários agentes sociais, como acompanhamos em *O Repórter*, de 07 de junho de 1948:

A atitude dos grevistas foi sem duvida resoluto e firme na defesa do que eles julgam razoável, mas não descambou jamais para nenhum plano reprovável... Nenhum acidente desagradável.¹⁵⁶

Esta imprensa construía a imagem do movimento grevista, nos limites da harmonia social, mas ficava contraditório, quando também trazia o fato da polícia ter disparado uma metralhadora próxima do local onde os grevistas estavam. Mesmo que se assinale, que não tivessem os grevistas como alvos, mostra que os movimentos sociais eram caso de polícia e que a coerção física era uma possibilidade real para os grevistas, como percebemos a partir de notícia que *O Repórter* publicou em 02 de junho de 1948:

A polícia, ontem de manhã, aproximou-se do Vou e fez uma descarga de metralhadoras. Certamente não disparou com o alvo nos grevistas, senão para

¹⁴⁷COLEÇÃO JOÃO QUITUBA. Série Fotografias. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU

¹⁴⁸SEM SOLUÇÃO A GREVE DOS MOTORISTAS. *O Repórter*. Uberlândia, 2 jun.1948.

o ar, com o intuito talvez de amendrotar, tanto que não houve nenhum consequência. Os choferes, entretanto, permaneceram indiferentes¹⁵⁷

O ato de disparar a metralhadora para o ar trazia introduzia essa contradição no relato dos fatos e os trazia para o terreno da disputa social. Ao mesmo tempo, aponta para uma preocupação em envolver o aparato policial e o uso da força no modo dos grupos hegemônicos lidarem com a presença dos trabalhadores nas ruas da cidade.

Julio Cezar de Oliveira, em sua dissertação, descreve a chegada da Cavalaria, que ficará alojada em uma fazenda no Bairro Tubalina, de propriedade do prefeito Tubal Vilela no início dos anos 1950. Este braço armado do Estado criará um clima de terror entre a classe trabalhadora. A cavalaria simbolizava a repressão social contra os grupos que se colocavam em oposição à ordem social que estava sendo construída pelas “Famílias Uberlandenses”. O autor Julio César colabora a respeito deste fato dizendo:

Um outro elemento que causava constrangimentos, medos e insegurança nos territórios boêmios, era a temida cavalaria, que, segundo os jornais da época, era mantida pelos cofres municipais e ficava alojada na fazenda Tubalina, de propriedade do então prefeito Tubal Vilela. Essa instituição militar, trazida pelo referido prefeito no início dos anos 50, após a realização de uma greve de condutores de veículos.¹⁵⁸

Esta utilização da coerção está relacionada com a dificuldade de se internalizar a disciplina nas classes dos transportadores, que se organizavam para resistir a dominação, como vemos no estudo de Heloisa de Faria Cruz sobre trabalhadores em serviço na cidade de São Paulo no início do século XX: *“Assim, também trata-se de definir e disciplinar áreas de atividades tais como comércio varejista e o transporte de mercadorias na cidade, que demonstravam maior poder de resistência à dominação do capital.”*¹⁵⁹

Podemos perceber que a efervescência social, de diversos grupos disputando a configuração do espaço urbano, fazem emergir diversas greves, como também a dos ferroviários, próximas a dos motoristas, em junho de 1948, reivindicando melhores condições trabalho, que incluíam melhores salários para terem uma vida mais digna, como percebemos em notícia do jornal *Correio de Uberlândia*, de 09 de junho de 1948:

¹⁴⁹Id. Ibid..

¹⁵⁰OLIVEIRA, Julio Cezar de. *O Último Trago, A Última Estrofe – Vivências Boêmias em Uberlândia nas Décadas de 40, 50 e 60*, Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo – 2000, p. 104.

¹⁵¹CRUZ, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência* (São Paulo- 1900/1920). São Paulo: Ed: Marco Zero, 1991 13.

O Ferroviários da Mogiana estão em greve. Pleiteiam aumento, que não recebem o bastante às suas necessidades.
A greve é geral e total. Abrange todos os setores da estrada.¹⁶⁰

A passagem do final da década de 40 para o início dos anos 50 está marcada por diversas greves que mobilizam os trabalhadores contra a ordem vigente. Este fato está presente no modo como a imprensa, principalmente em 1948, construiu uma preocupação da sociedade em relação às greves, que eram constitucionalmente legais.

Mas, para as elites, que pretendem conduzir a opinião pública, as greves prejudicam o desenvolvimento da cidade, afirmam que, quanto mais os patrões se esforçam para atender os trabalhadores, estes nunca se vêem satisfeitos; apresentam os movimentos grevistas como anomalias, que prejudicam o bom funcionamento do organismo social, o que caracteriza uma visão positivista, conforme se posicionam os responsáveis pelo jornal *O Repórter*, em fevereiro de 1948:

[...] Como é fácil de imaginar, essa anomalia vai criando os mais sérias dificuldades a nossa Zona [...]¹⁶¹.

Existe, por parte destes, a tentativa de alocar a culpa por uma suposta crise econômica nos movimentos sociais, pois procurava relacionar o aumento dos preços dos produtos à escassez como resultante da parada dos trabalhadores durante as greves que estavam ocorrendo no ano de 1948, que levariam os produtos ao cambio negro e acarretariam o sofrimento da população, de acordo com o que o jornal *O Repórter* avalia em agosto de 1948, na cobertura das greves em Uberlândia:

O comercio da cidade sente falta de alguns gêneros e outras necessariamente sobem de valor ou por escassez ou porque o cambio negro entra em ação. Ao que nos informaram, o cimento, que estava 45 cruzeiros antes da greve, já passou ao preço de 55 [...]¹⁶².

Mas a disputa pela formação dos trabalhadores também estava em grupos de oposição ao governo, que tinham influências do marxismo e buscavam se posicionar como representantes do povo frente a imprensa burguesa. Isto fica evidente ao se ler o nome do jornal *Voz do Povo*.

¹⁵²FERROVIÁRIO EM GREVE. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, Uberlândia, 9 jun.1948.

¹⁵³A GREVE DA MOGIANA. *O Repórter*, Uberlândia, 13 jun. 1948.

¹⁵⁴Id. Ibid.

Estes grupos não se constituem como cultura homogênea dos trabalhadores, pois estão em articulação com temas de grupos ligados ao poder econômico, político e cultural, mas, dentro de fluxo de valores, procuram reelaborar conforme suas experiências e os grupos com que se identificam, conforme análise de Heloisa de Faria Cruz sobre a imprensa em São Paulo no início do século XX:

Nas páginas dessa imprensa, o povo articula-se tanto nos discursos dos setores dominantes sobre o caráter nacionalidade, sobre higienização do espaço urbano, sobre a instrução pública, como nos denúncias sobre condições de vida.¹⁶³

Nesta perspectiva, esta imprensa, ligada ao movimento comunista, tem uma visão contrária sobre o desenvolvimento do câmbio negro que estava produzindo a carestia entre a população, a partir do que se vê em reportagem de *Voz do Povo*, de dezembro de 1946:

Uberlândia está sendo vítima de maneira brutal do câmbio negro desenvolvido pelos tubarões do lucro extraordinário. Vamos enumerar aqui uma pequena série de gêneros... Farinha de trigo de 600 a 700 cruzeiros a saca; assucar de 250 a 280 cruzeiros a saca; banha mesmo com grande [...] ¹⁶⁴.

Segundo estes jornais de 1946, podemos perceber que, dois anos antes de se iniciarem as diversas greves, os trabalhadores já sofriam com o mercado negro. Então, a imagem da greve como causadora da alta dos produtos é uma forma de articulação dos grupos ligados ao governo para marginalizar os movimentos. Além disso, fica evidente a imprensa no seu “fazer-se” como terreno de disputas, pois enquanto um grupo mostra o aumento dos preços dos alimentos, os outros se preocupam com o aumento do preço do cimento, que faz referência ao progresso conforme o projeto social dos grupos que se pretendia hegemônicos.

Ao mesmo tempo, observamos que os discursos produzidos pelo movimento comunista, durante o ano de 1948 causaram a reação dos jornais que, através do meio político, os acusavam de distorcerem a realidade, produzindo fortes críticas veiculadas simultaneamente no jornal *Correio de Uberlândia* e no jornal *O Repórter*. Vejamos o texto do jornal *Correio de Uberlândia*, de 16 de junho de 1948:

¹⁵⁵CRUZ, op. cit., p.165.

¹⁵⁶O CÂMBIO NEGRO DESENFREADO EM UBERLÂNDIA. *Voz do Povo*, Uberlândia, 14 dez. 1946.

Depois, pede a palavra o sr. Moacir Lopes de Carvalho. Refere-se preliminarmente às inverdades por um jornal comunista de Belo Horizonte, inverdades mais que patentes, pelas provas que apresenta.¹⁶⁵

A autora Heloisa Cruz colabora para refletirmos sobre a preocupação que os grupos hegemônicos têm com a penetração deste tipo de imprensa nos momentos de greve:

Embora a imprensa operária raramente figure como tema explícito na grande imprensa, a irritação e perseguição aos “fazedores de boletins”, o intenso combate às propostas das lideranças nos momentos de greve.¹⁶⁶

A greve, apesar de ser constitucionalmente legal, é apresentada pela imprensa ligada àqueles grupos hegemônicos como fator de atraso para a região, segundo a imagem elaborada pelo jornal *O Repórter*, na matéria “*O fenômeno das Greves*”, de 15 de junho de 1948:

As sucessivas greves que vêm verificando no interior, entre as classes mais morigeradas e cordatas, são uma advertência muito seria para o governo possa compreender a gravidade da situação do país. A greve é um recurso legal autorizado por dispositivo da constituição, mas nem por isto deixa de ser uma atitude de rebeldia em face de interesses não satisfeitos. E desde que ela perturbe de qualquer forma a vida coletiva já se inscreve como um fenômeno nocivo.¹⁶⁷

Através deste artigo, podemos perceber a preocupação dos grupos hegemônicos em relação aos movimentos dos trabalhadores, como os movimentos que buscavam melhores condições de vida eram taxados pelos meios de comunicação de “nocivos”, portadores de uma “atitude de rebeldia”, e resultantes das “classes morigeradas”. Estes termos criam para o imaginário da população a negatividade dos movimentos grevistas que buscavam melhores condições de vida frente ao do projeto de progresso que os grupos dominantes impunham.

A greve de 1948 dos trabalhadores da Cia. Morgiana reflete as condições de trabalho que os trabalhadores eram submetidos, com baixos salários, impendidos que levassem uma vida mais digna. O jornal *O Repórter*, de 09 de junho de 1948, anuncia:

¹⁵⁷REPUDIA A CÂMARA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA TODA E QUALQUER GREVE MOVIMENTADA POR COMUNISTAS OU ELES FOMENTADA! *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 16 jun.1948..

¹⁵⁸CRUZ, op. cit., p. 168.

¹⁵⁹O FENÔMENO DAS GREVES. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 15 jun.1948..

O Ferrovários da Mogiana estão em greve. Pleiteiam aumento, que não recebem o bastante às suas necessidades.¹⁶⁸

Este nos ajuda a perceber como o governo tentava negociar com os trabalhadores, através de ameaças de serem demitidos, mesmo tendo a Constituição que os amparava, como vimos em matéria de algum meses depois no mesmo jornal *O Repórter*, de 06 de novembro de 1948:

A priori da norma básica prevista na Carta Magna, por isso que a contraria de modo frontal. E fora de dúvida que tal decreto traça normas, e apenas relacionadas com a proibição da greve, quando a constituição ratificou.¹⁶⁹

Apesar do direito à greve ser garantidos, os movimentos sociais sempre estavam com a possibilidade da reação coercitiva do Estado, com o uso da polícia, para manter o organismo social funcionando conforme a ordem.

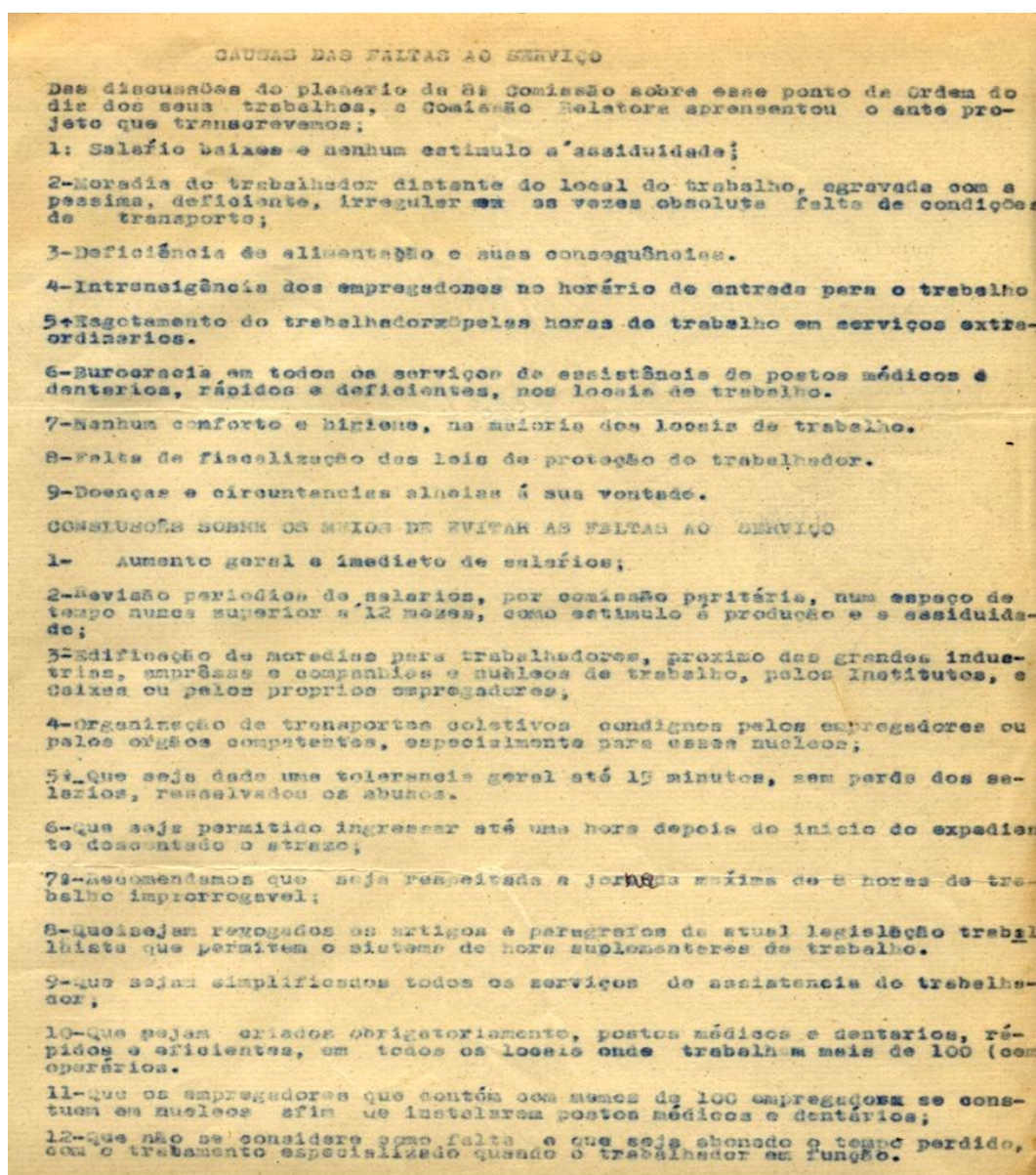
Nesta perspectiva do Estado impor a ordem social através da utilização da força, a entrevista de Dona Calábria ao *Projeto Depoimento* evidencia a utilização coerção física e moral por parte do corpo policial contra as reivindicações formuladas pelo Congresso de Mulheres realizado pela União Feminina em Uberlândia. A associação apresentava-se com o objetivo de aliar-se a outros movimentos que se organizavam na cidade, com objetivo de lutar por melhores condições de vida para os moradores das vilas da Uberlândia, que representavam a continuação da exploração que os trabalhadores sofriam nos locais de trabalho. Esta perspectiva também pode ser verificada no trabalho da autora Maria Auxiliadora Guzzo Decca, com os trabalhadores de São Paulo no início do século XX, que sofriam com condições de moradia, alimentação, salário, higiene e jornada de trabalho degradante¹⁷⁰.

Estas condições de exploração dos trabalhadores estão presentes numa carta do Circulo Operário Cristão de Uberlândia, que expõe os motivos de faltas dos trabalhadores, deficiência na alimentação, esgotamento devido à jornada de trabalho, ausência de conforto e de higiene nos locais de trabalho, além de ausência de fiscalização que garantisse o direito dos trabalhadores.

¹⁶⁰ FERROVIÁRIO EM GREVE. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 9 jun. 1948.

¹⁶¹ GREVE DA CIA. *O Repórter*, Uberlândia, 6 nov. 1948..

¹⁶² “...A maioria dos trabalhadores industriais e urbanos na cidade de São Paulo morava mal, alimentava-se deficientemente e se vestia precariamente até meados da década de 30...” DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida Fora das Fábricas*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987, p.26.



Correspondência 2

Carta com os motivos de faltas ao serviço, entre moradia distante, salários baixos e outros. S/D¹⁷¹

Apesar desta carta não estar datada, evidencia postos para a discussão sobre as condições de vida dos moradores de Uberlândia. A carta tem como título *Causa das faltas ao serviço*, e alimenta o anteprojeto das discussões da Comissão Relatora sobre abono do dia de serviço mediante a falta. Será constituída de doze parágrafos, que apresentam os principais motivos de faltas dos trabalhadores: moradia distante, falta de conforto e higiene no local de trabalho, salários baixos e outros. Nesta carta, a comissão

¹⁶³ COLEÇÃO CÍRCULO OPERÁRIO CRISTÃO DE MINAS GERAIS. Correspondências. Acervo; Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

chega a sugerir que a jornada de trabalho seja no máximo de oito horas de serviço, mas o documento remanescente não traz sugestões mais efetivas para solucionar a precariedade nas condições de serviço.

Fato semelhante observamos em relação às condições dos trabalhadores de São Paulo no início do século XX, como podemos perceber através da autora, Heloisa de Faria Cruz:

São expressas pelos trabalhadores por meio da luta reivindicatória. Jornada de oito horas, salários dignos, tratamento respeitoso por parte das chefias, regulamento do trabalho da mulher e do menor, descanso semanal, bem como melhores condições de higiene e saúde, habitação e alimentação são reivindicações de todo os proletariado¹⁷²

Os trabalhadores vivem em péssimas condições, morando em periferias onde as moradias são precárias como é evidenciado na fotografia do Senhor Máximos e sua família. Além disso, para os trabalhadores, faltava o básico para sua sobrevivência, alimentação, saúde, roupas, pois os baixos salários não provinham as necessidades como fica evidente durante as reivindicações dos ferroviários.

Nesta conjuntura, onde a população pobre não tem direito de decidir o desenvolvimento da cidade, porque, em Uberlândia, de 1931 a 1947, seus prefeitos são nomeados pelos governadores do Estado de Minas Gerais. A partir de 1948, as greves e as mobilizações serão formas de utilização do espaço público como campo de negociação no destino da cidade, devido à volta do sistema representativo, apesar de, por parte das classes hegemônicas, a repressão física e moral com a utilização da cavalaria aumentar.

Nesta perspectiva, o Congresso de Mulheres foi organizado pela União Feminina em 1951, congregava mulheres de varias partes do país, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, entre outros, e tinha como objetivo formular reivindicações para garantir melhores condições de vida às famílias pobres. Podemos perceber, com o conjunto das reivindicações: a situação de carestia; que os moradores das vilas de Uberlândia sofriam com a falta do básico para ter uma vida mais digna; que faltava escolas, hospitais, asfalto, correios, telefones públicos, entre outros benefícios; que a população era posta marginalizada dentro de uma hierarquia social, em uma cidade que tinha como pretensão se transformar em Liverpool; que as pessoas se viam exploradas pelo projeto

¹⁶⁴CRUZ, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência* (São Paulo- 1900/1920). Op. Cit. ,p. 42.

de progresso, como estava sendo imposto. Na entrevista de Olivia Calábria, observamos:

[...] Então o Congresso, como era de Organização de Mulheres, era cheio de reivindicações. Aí nós pegamos os documentos que saiu do Congresso e levamos para o, naquela época o prefeito era o Tubal Vilela, então o quê que nós pedimos? Creches, mais creches, que hoje estão fazendo por aí, não é? Vê como que a gente conquista. Demora, mas vem. Feiras livres que hoje já tem aí por todo lado. Escolas nos bairros que hoje já tem por todo lado. São conquistas que nós tivemos, né? Telefones públicos [...]¹⁷³

Mas, quando os trabalhadores, através dos movimentos sociais, buscavam reivindicar alguns direitos, mesmo com a Constituição garantindo o direito a greve e as mobilizações, sofriam com a possibilidade dos políticos se utilizarem de meios coercitivos, por meio do policiamento, para manter o “organismo social” em ordem, visto que as greves eram tidas como anomalia que prejudicariam a evolução para o progresso. Haja vista que a disciplina social era imposta pela organização social, que buscava internalizar, na população, a harmonia social dentro de um projeto que buscava deixar a população pobre e negra a margem do processo de desenvolvimento.

Esta possibilidade de coerção física do Estado para manter a ordem se efetivou em vários momentos, criando na população o temor em relação aos métodos utilizados pelos governantes para manter a ordem, dentre eles, a temida cavalaria.

A entrevistada Dona Calábria colabora para que possamos refletir como os movimentos sociais eram tratados pelos dirigentes:

[...] Então quando nós fomos, 40 mulheres lá na Prefeitura pra levar esse documento, o Tubal ficou assustado. Porque... foram mulheres lá, então mandou chamar a polícia e a polícia chegou froqueando. Não, até não foi assim. Ele... quando ele chamou a polícia, a polícia falou assim: Mande eles pra cá, pra delegacia, que era pertinho, né? Aqui da Prefeitura lá onde é a Biblioteca, lá onde foi a Rodoviária, e então nós fomos inocentemente, fomos pra lá. Porque a gente podia falar: Não, não vamos lá, não. Vamos embora. Vamos deixar isso de mão. Mas não calculamos. E quando nos chegamos lá na Delegacia, então é que foi o tiroteio. Então a Noêmia tomou tiro na perna [...] Eu fui presa [...]¹⁷⁴

Os trabalhadores em Uberlândia vivenciavam condições de vida terríveis devido as suas moradias, saúde, alimentação, trabalho, a forma encontrada para trazer as reivindicações com intuito de ter o direito ao espaço público foi através das

¹⁶⁵CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimento*. Op. Cit., p. 62.

¹⁶⁶CALÁBRIA, Olívia. *Projeto Depoimento*. Op. Cit., p. 63.

mobilizações e a greves, pois, em uma sociedade em que, de 1931 a 1947, os governos são nomeados, marginaliza as pessoas pobres, a articulação de diversos grupos contra a ordem em vigor, terá expansão principalmente em 1948 com a volta das eleições, quando as camadas populares irão lutar pela garantia do seu espaço, gerando, ao mesmo tempo, outros esforços de grande repressão por parte da classe hegemônica através de órgãos do estado, como a polícia, com o uso da cavalaria.

Considerações Finais

Durante o desenvolvimento da monografia, não tinha como intenção resgatar o passado, mas construir uma interpretação, baseando-me em diversas fontes, jornais, documentos oficiais, cartas, entrevistas e fotografias.

Além disso, parti de uma questão que estava presente na minha experiência vida, mas, durante a pesquisa, outros horizontes foram abertos, trazendo novas questões, que me auxiliaram no recorte estabelecido.

Dentre as problemáticas que surgiram durante o ato da pesquisa, está a disputa entre os projetos de desenvolvimento da cidade, que estavam ocorrendo em Uberlândia no início do século XX.

Para entender estas questões, passei a recorrer às entrevistas e à imprensa, que me possibilitaram perceber que a disputa pelo poder estava muito além do ambiente político, mas presente em todo o cotidiano.

Entre os lugares que estavam passando por estas disputas, encontravam-se os clubes, os bares, as casas noturnas, os cinemas e também as ruas da cidade, que estavam servindo para impor uma hierarquia social onde pobres e negros estariam sujeitos a trabalhos que, na época, eram tidos como inferiores. Nestes lugares, estavam sendo reelaborados valores referentes à classe hegemônica, onde os pobres e negros poderiam entrar só para trabalhar, estavam criando limites para cada membro da sociedade. Além disso, percebi que a disputa estava presente nos modos das pessoas se trajarem que simbolizava a posição que o indivíduo estava dentro da sociedade.

Nesta perspectiva os grupos de negros e pobres, estariam à margem do progresso que os grupos hegemônicos exaltavam para a cidade.

Uberlândia era uma cidade dividida pela condição social e pela cor da pele, mas os trabalhadores pobres e negros buscavam resistir à miséria causada pelo desenvolvimento

da cidade conduzido por grupos dominantes. Mas a prevalência do projeto burguês não se deu apenas pela construção de valores, pois mesmo assim os diversos grupos continuavam se mobilizando contra a ordem em vigor.

Para coibir a resistência dos trabalhadores foi necessário, além do controle social, através da reelaboração dos costumes, sentimentos, valores, a repressão armada por parte do estado, que, através da cavalaria, vinha para criar no imaginário e no real dos trabalhadores a possibilidade de serem mortos se ousassem se colocar contra a ordem em vigor.

Além disso, percebi, durante a pesquisa, que a imprensa se tratava de um campo de disputa onde estava servindo para legitimar os projetos para a cidade. Dependendo de onde emanava, vários grupos buscavam construir uma imprensa popular, mas ao tratar com estes temas, buscavam ressignificar conforme suas expectativas, se colocando como a voz do povo.

Através da análise das disputas entre os projetos de progresso e os movimentos de resistência, tanto os que foram constituídos no cotidiano quanto os que se formaram através dos movimentos dos trabalhadores, tive como intenção interpretar esta práticas para poder compreender o presente, e até mesmo projetar um futuro: *“O elo com o presente tem muito em comum com o processo de compreender o passado, não obstante o fato de que compreender como o passado se converteu no presente nos ajuda a compreender o presente , e provavelmente algo do futuro.”*¹⁷⁵

¹ HOBBSBAWM, E. J. A história de baixo para cima. In: *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 216-231.

Fontes

Entrevista realizada pelo autor:

AZEVEDO, João Batista. *Entrevista*. 15 out. 2009. Entrevista realizada na residência do Sr. João, localizada no bairro Planalto. O entrevistado conta que é natural de Uberlândia, conta seu amor pelo congado e como foi sua graduação até chegar a capitão dos camisas verdes. Além disso, conta suas experiências como trabalhador da construção civil, onde iniciou como servente, chegando a mestre de obra, relembra a maneira como se divertiam e seu relacionamento com os parentes, que moravam no bairro Patrimônio.

Legislação:

UBERLÂNDIA. Código de Posturas Municipais. Lei n. 95, de 14 de maio de 1950. Biblioteca de Apoio Uberlândia. Uberlândia, Arquivo Público Municipal, n. 3.

Projeto Depoimento:

CALÁBRIA, Olívia. *Entrevista. Projeto Depoimento*, n. 154. Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 19 jan.1990.

CALAZANS, Algeníbia de Paula. *Entrevista Projeto Depoimento*, n. 156. Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 28 jun. 1990.

CARNEIRO, Joaquim. *Entrevista Projeto Depoimento*, n. 154. Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 15 jan. 1992.

CASTORINA, Maria de Jesus. *Entrevista Projeto Depoimento*, n. 156. Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 24 abr. 1991.

VASCONCELOS COSTA, José Antonio de. *Entrevista Projeto Depoimento*, n. 154. Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 10 set. 1991.

Jornais:

Correio de Uberlândia. Uberlândia, 1934, 1935 e 1948.

O Repórter, Uberlândia, 1934, 1935 e 1948.

Voz do Povo, Uberlândia, 14. dez .1946

Participação, Uberlândia, abr.1986.

Revistas:

REVISTA PRAIA CLUBE. Uberlândia, 2007-2009.

REVISTA UBERLÂNDIA ILUSTRADA. Uberlândia, n. 14, 1948.

Acervo e Coleção:

CIRCULO OPERÁRIO CRISTÃO DE MINAS GERAIS. Correspondências. Acervo; Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

COLEÇÃO JOÃO QUITUBA. Série Fotografias. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.

Sítios:

PRAIA CLUBE. Disponível em: <<http://www.praiaclube.com.br/>, visitado>. Acesso em: 15 dez. 2008.

JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA. Disponível em: <<http://www.jornalcorreio.com.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

Inventários:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais. Inventário da Coleção *João Quituba*. Uberlândia, 1989. 129p. (Localização: Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA. Inventário da Coleção *Circulo Operário*. Uberlândia, 2010. (Localização: Centro de Documentação e Pesquisa em História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. CDHIS-INHIS-UFU.).

Bibliografia

ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 25/26, p. 27-54, jul.-dez. 2001/jan.-jul. 2002.

BARBOSA, Marta Emília Jacinto. Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olhos d'Água, 1999.

BARREIRO, José Carlos. E.P. Thompson e a historiografia brasileira: revisões críticas e projeções. *Projeto História*. São Paulo, v 12, out.1995.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos, Uberlândia 1938-1990*. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. São Paulo, n. 35, dez/2007.

CRUZ, Heloísa de Faria. No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 39, jul.dez. 2008.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890 a 1915*. São Paulo: Educ; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

CRUZ, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência (São Paulo, 1900/1920)*. São Paulo: Marco Zero, 1991.

DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio, Uberlândia. 1939/1970*. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, dez.1993.

FENELON, Déa. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 6, p. 5-23, jan.-jun. 1992.

FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D'Água, 1999

FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas...* Histórias que marcam a cidade. Uberlândia-MG. 2009. Tese. (Doutorado em História Social). – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Projeto História*, n. 24, São Paulo, jun. 2002.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2003.

HOBBSBAWM, E. J. A história de baixo para cima. In: *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.216-231.

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

NOVAIS, Karina Barbosa. *A revolução de 1930 na perspectiva do Jornal "O Diário da Revolução"*. 2003. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

OLIVEIRA, Julio Cezar de. *O último trago, a última estrofe: vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

PORTELLI, A. A Filosofia e os fatos. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 2. 1996.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *O prazer justificado: história e lazer* (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

SANTANA, Eliane Dias de Oliveira. *Cultura urbana e protesto social: o Quebra-Quebra de 1959 em Uberlândia- MG*. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. *Democracia participativa e tensão social em Uberlândia: experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças*. 2007. Monografia (Bacharelado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. *Ser trabalhador na cidade: relações de classe em Uberlândia. Fins do século XX e início do século XXI*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P.. Intervalo: a lógica histórica. In: *A miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

THOMPSON, E. P.. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In: *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1987.

WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. *Projeto História*. São Paulo, n. 35, dez/ 2007.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1991.